



**UNIVERSIDADE  
ESTADUAL DE LONDRINA**

---

Centro de Ciências Humanas  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

LUANA PAGANO PERES MOLINA

**GÊNERO E SEXUALIDADE: CONSTRUÇÕES DA DIFERENÇA NA  
VIVÊNCIA ESCOLAR NO ENSINO MÉDIO (2007-2008)**

LONDRINA  
2008

LUANA PAGANO PERES MOLINA

**GÊNERO E SEXUALIDADE: CONSTRUÇÕES DA DIFERENÇA NA  
VIVÊNCIA ESCOLAR NO ENSINO MÉDIO (2007-2008)**

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado ao Curso de História, da  
Universidade Estadual de Londrina,  
como requisito parcial à obtenção da  
Graduação em Licenciatura.

**Orientadora:** Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Maria de  
Fátima da Cunha.

LONDRINA

2008

**Catálogo na publicação elaborada pela Divisão de Processos Técnicos da  
Biblioteca Central da Universidade Estadual de Londrina.**

**Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)**

M722g Molina, Luana Pagano Peres.  
Gênero e sexualidade : construções da diferença na  
vivência escolar no ensino médio (2007-2008) / Luana  
Pagano Peres Molina. – Londrina, 2008.  
70 f.

Orientador: Maria de Fátima da Cunha.  
Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso  
de História – Universidade Estadual de Londrina, Centro de  
Letras e Ciências Humanas, 2008.  
Inclui bibliografia.

1. História social – TCC. 2. Sexualidade – Educação escolar – TCC. 3. Relações de gênero – TCC. I. Cunha, Maria de Fátima da. II. Universidade Estadual de Londrina. Centro de Letras e Ciências Humanas. III. Título.

LUANA PAGANO PERES MOLINA

**GÊNERO E SEXUALIDADE: CONSTRUÇÕES DA DIFERENÇA NA  
VIVÊNCIA ESCOLAR NO ENSINO MÉDIO (2007-2008)**

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado ao Curso de História, da  
Universidade Estadual de Londrina,  
como requisito à obtenção da Graduação  
em Licenciatura.

**Orientadora:** Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Maria de  
Fátima da Cunha.

COMISSÃO EXAMINADORA:

---

Profa. Dra. Maria de Fátima da Cunha

---

Profa. Ms. Maria Paula Costa

---

Profa. Dra. Ana Heloisa Molina

Londrina 04, de Dezembro de 2008

*Dedico este trabalho aos meus avós,  
Que construíram comigo os mais  
belos sonhos,  
e me ensinaram com ternura a arte  
de amar.*

## **AGRADECIMENTOS:**

Agradeço a todos os professores que ao longo desses quatro anos, estiveram ao nosso lado, na busca e na luta, por novos conhecimentos e que fizeram de nós indivíduos prontos para uma nova etapa de nossa vida. Mais do que isso, nos transformaram em educadores.

Em especial, dedico este trabalho a minha amiga e professora, Maria de Fátima da Cunha, que com seu jeito paciente e meigo, me deu esperanças, garras e referencial no longo desenvolvimento desse projeto, além de ensinar-me o que realmente é ser uma grande professora. Todas às vezes que eu quis fugir dos alunos, ela estava ali, confortando, ouvindo, opinando e principalmente apoiando.

A Profa. Mary Neide Damico Figueiró, que abriu minhas fronteiras e me fez sonhar com novos horizontes, ao me apresentar com doçura e determinação, a educação sexual. Ela esteve comigo, quando quis abraçar este novo projeto de vida, cheia de idéias e sentimentos que marcaram a construção desse trabalho. Um exemplo de mulher, professora e ser humano.

Com carinho, respeito e alegria dedico grande parte deste trabalho e os quatro anos da minha vida universitária a Celina, que me aturou, me apoiou e socorreu, quando adentrava o departamento de história cheia de dúvidas, medos e aflições. Ela dividiu comigo um coração que ao longo desse período oscilou entre felicidades e decepções. Foi amiga, uma excelente profissional e colaborou em muitos dias com sua conversa e sorriso. Amo você!

Sem minhas amigas, este projeto não estaria aqui hoje. Foram reclamações, estudo, leitura, livros, congressos, cansaço, recompensas e ensino. E elas sempre estiveram aqui. Lendo, relendo, me ouvindo. Foi com elas que ri, chorei, vivi intensamente. Devo muito a elas. Talita, sonhamos juntas, dividimos momentos e uma vida que passamos a construir lado a lado. Seu apoio, sua amizade e seu amor foram incondicionais para mim. Júlia, a maneira que durante esses anos, fomos nos aproximando, nos encontrando, conhecendo e reconhecendo, entre medos e sonhos descobri o verdadeiro sentido de uma linda amizade.

Aline, minha carneira e fundadora do grupo internacionalmente conhecido “As Carneiras”. O que faria sem você? Rimos muito, aprontamos, dançamos, fizemos o que podíamos e não podíamos. Sua luz, sua alegria e seu jeitinho trouxeram ao meu mundo

a experiência de se maior com você. Você e o Octavio (meu vizinho) trouxeram um pouco de luz para esse coraçãozinho aqui. Vizinho nunca vou esquecer de você.

E a Camila, Elaine, Sirlene e Gilberto por todo companheirismo, toda conversa e amizade, que fazem parte da minha história, aqui em Londrina e aonde quer que eu vá.

A Pablo Briones Revilla, meu companheiro de idealizações, de luta, de sentimentos, unidos por amor e idéias. Com ele cresci, amadureci e aprendi a sutileza e destreza do brilho de uma vida. É um referencial de ser humano, que me ensinou o valor de uma boa luta e a urgência de uma sociedade mais igualitária e humana.

Aos meus irmãos, Tauana e Guilherme, que são fundamentais na minha vida e que sempre me lembram como é bom ser crianças. Amo vocês.

E em especial, dedico todo este trabalho e todo meu amor, aos meus avós, que definitivamente sem eles não teria dado passos tão grandiosos, como este! Eles acreditaram em mim, confiaram em mim, em meus sonhos e não me deixaram esquecer a importância de se construir uma história...

“O ser humano é o mais complexo, o mais variado e o mais inesperado dentre todos os seres do universo conhecido. Relacionar-se com ele, lidar com ele, haver-se com ele, é por isso, a mais emocionante das aventuras. Em nenhuma outra assumimos tanto o risco de nos envolver, de nos deixar seduzir, arrastar, dominar, encantar.”

(J.A. Gaiarsa)



Molina, Luana P. P. **Gênero e sexualidade: Construções da diferença na vivência escolar no Ensino Médio (2007-2008)**. Trabalho de Conclusão de Curso. – Universidade Estadual de Londrina, 2008.

**RESUMO:** O desdobramento deste trabalho de conclusão de curso tem como objetivo apresentar, uma discussão referente gênero e sexualidade no âmbito escolar, mais especificamente com alunos do primeiro colegial no ensino médio, do colégio Aplicação em Londrina/Paraná. Procura-se a compreensão das construções a respeito dos atuais estudos de sexualidade e gênero e a maneira como estas se interagem, entendendo estas, como uma construção baseada em valores sócio-culturais estabelecidas por normas e valores presentes na sociedade. Portanto, para repensar a sexualidade e as relações de gênero têm que se discutir os papéis sócio-sexuais e assim perceber as crenças, atitudes e valores presentes na sociedade, estudando o indivíduo inserido em suas diversas dimensões sociais, o que inclui a presença dessa construção política, cultural, social e no aspecto educacional, que é o caso deste projeto.

**PALAVRAS – CHAVES:** GÊNERO; SEXUALIDADE; HISTÓRIA SOCIAL; AMBIENTE ESCOLAR;

Molina, Luana P. P. **Género y sexualidad: Construcciones de la diferencia en la vivencia en el secundario (2007-2008)**. Trabajo de Conclusión de Curso. – Universidade Estadual de Londrina, 2008.

**RESUMEN:** El desarrollo de este trabajo de conclusión de curso, tiene como objetivo presentar, una discusión a respecto de género y sexualidad en el ámbito escolar, más específicamente con alumnos del primer año del secundario, de la escuela Aplicação en Londrina/Paraná. Se busca una comprensión de las construcciones a respecto de los actuales estudios de sexualidad y género y la manera como estas se conectan, entendiendo a estas, como una construcción que se apoya en valores socio-culturales establecidas por normas y valores que se hallan en la sociedad. Por lo tanto, para repensar la sexualidad y las relaciones de género hay que discutirse los papeles socio-sexuales y así percibir las creencias, actitudes y valores sociales, estudiando al individuo inserido en sus diversas dimensiones sociales, lo que incluye la presencia de esa construcción política, cultural, social y en el aspecto educacional, que es el caso de este proyecto.

**PALABRAS – LLAVES:** GÉNERO; SEXUALIDAD; HISTORIA SOCIAL; AMBIENTE ESCOLAR;

# SUMÁRIO

<b>Introdução .....</b>	<b>10</b>
<b>1. Primeiro Capítulo: Gênero e Sexualidade</b>	
1.1 Conceito e desenvolvimento dos Estudos de Gênero: .....	16
1.2 Sexualidade .....	22
<b>2. Segundo Capítulo: Vivência Escolar: Construção de Gênero e Sexualidade no Ensino</b>	
2.1 A Escola como lugar das diferenças.....	28
2.2 A prática da educação sexual.....	39
<b>3. Terceiro Capítulo: Gênero e Sexualidade na Vivência do Jovem</b>	
3.1. O Fazer-se Jovem na Contemporaneidade: Espelhos da Sociedade.....	51
3.2. O Olhar Adolescente: Análise Documental.....	54
<b>4. Considerações Finais.....</b>	<b>66</b>
<b>6. Bibliografia.....</b>	<b>68</b>

## INTRODUÇÃO:

O ser humano ao longo de todo seu desenvolvimento, partilha de grandes potencialidades que serão traçados e delineados por uma complexa rede de sentimentos, sentidos, apropriações, produções e por fim, vivenciando as novas descobertas, inquietações e interrogações que se fazem presentes no ato de pensar e se repensar como sujeito histórico-social. E a história assim como nos, seres humanos, faz e se refaz constantemente e interminavelmente.

A partir da historiografia da Nova História, foram incluídos temas que até então estavam de fora do âmbito do interesse dos historiadores: diferentes expressões do cotidiano vivido por diferentes sujeitos, na sua diversidade de classe, étnica, de gênero, entre outros, ou seja, nas mais diferentes esferas da vida humana e entre os mais diferentes sujeitos.

Com a revista *Annales d'Historique Economique et Sociale*, no início do século XX, tendo como seus líderes Lucien Febvre e Marc Bloch, inicia-se o movimento que ficou conhecido como a “Escola dos Annales”, tentando integrar a História as mais diversas vertentes das ciências humanas, como as ciências sociais e da psicologia. Tinham como objetivo, eliminar o espírito de especificidade e promover a pluridisciplinaridade. Como percebemos:

Em primeiro lugar, a substituição da tradicional narrativa de acontecimentos por uma história - problema. Em segundo lugar, a história em todas as atividades humanas e não apenas história política. Em terceiro lugar, usando completar os dois primeiros objetivos, a colaboração com outras disciplinas, tais como a geografia, a sociologia, psicologia, a economia, a lingüística, a antropologia social, e tantas outras.<sup>1</sup>

Segundo o historiador Peter Burke, em seu livro “*A Escola dos Annales*”, esse movimento trouxe consigo mudanças em relação às fontes históricas, que não mais concentrava-se em documentos da esfera política, mas sim, ampliando suas fontes e seus métodos, trazendo novos sujeitos históricos, nas esferas políticas, sociais e culturais. Está lógica está envolta de diferentes modos de escrever a História, técnicas, temas de investigação, assim como diferentes conclusões.

---

<sup>1</sup> BURKE, Peter. *A Escola dos Annales 1929 – 1989*. São Paulo: Ed. Unesp. 1997, p. 12.

O historiador, segundo os Annales, constrói seu material, por isso, será o autor que dá/ concede importância a determinados fatos e documentos para trabalhar um assunto. Como nos coloca Paul Veyne, em *“Tudo é Histórico, portanto a História não existe”*, o discurso histórico, forma-se através de um diálogo, entre o interrogador que elabora hipóteses, formula noções, conceitos e passa a interrogar suas evidências/objeto, transformando-o em um conhecimento histórico<sup>2</sup>.

Nesse meu trabalho de conclusão de curso, na posição de seletora da minha evidência, dentro da vertente da nova escola, com novos sujeitos e fazendo ponte com a psicologia, trabalharei com um questionário sobre sexualidade e relações de gênero, com alunos do primeiro colegial do ensino médio, em uma faixa etária entre 14 e 15 anos e cujo direcionamento das perguntas tem o intuito de desenvolver uma análise e reflexão acerca da construção sócio-cultural, que também se faz e refaz, a respeito dos papéis de gênero, sexualidade e identidade sexual, que são construídos ao longo de nossa vida e nos liga intimamente com a sociedade, cultura vigente e a maneira como nos relacionamos com os outros.

Meu interesse é pensar através da prática educacional a formação de gênero e a sexualidade na construção do indivíduo atualmente.

Busco não apenas a dicotomia entre homem/mulher e sim as proposições que se é construída politicamente, socialmente e culturalmente na sociedade sobre o indivíduo, tratando inclusive da homossexualidade frente à presença de transformações no relacionamento entre homens e mulheres e das práticas e identidades sexuais.

Os papéis sexuais e seus estereótipos foram e são construídos e impostos em diferentes culturas e sociedades ao longo do tempo, assim devemos levar em conta as transformações socioculturais onde estão inseridas, como por exemplo, no período entre 1950 e 1970, o feminismo no Brasil ganhava força e a historiografia passava a se interessar pela participação feminina na história. Mas já nos período de 1950, o feminismo incorporava outras frentes de luta, pois além das reivindicações voltadas para a desigualdade no exercício de direitos, como políticos, trabalhistas e civis, questionava também as raízes culturais de certas desigualdades. Denunciava assim, essa forma mística de um “eterno feminino”, ou seja, a crença na inferioridade “natural” da mulher. Questionava igualmente a idéia de que homens e mulheres estariam predeterminados,

---

<sup>2</sup> VEYNE, Paul. Tudo é Histórico, portanto a História não existe. In: SILVA, Maria Beatriz Nizza (org.). **Teoria da História**. São Paulo. Cultrix. 1986. p. 45-55.

por sua própria natureza, a cumprir papéis opostos na sociedade: ao homem, o mundo externo; à mulher, por sua função procriadora.

Podemos demarcar a década de 1980 no Brasil, como o momento em que acontece uma inovação nos estudos sobre o feminino, passando-se a utilizar os Estudos de Gênero para se trabalhar com questões ligadas ao feminino. Trabalhar com gênero como categoria de análise significa abordar o relacional entre homem e mulher, ou seja, as duas categorias elaboram as suas identidades como complemento ou oposição ao outro. Enfim, buscou-se um aprimoramento teórico-metodológico que permite recuperar os mecanismos das relações sociais entre os papéis sexuais. Como nos diz a historiadora Eni de Mesquita Sâmara:

Pensar em Gênero e Identidade conjuntamente significa discutir um tema que, em função da sua complexidade, exige o entendimento em vários níveis de reflexão e análise. Isso se deve, primeiramente, ao fato de estarmos elaborando as relações entre os sexos, na sua perspectiva cultural [...]<sup>3</sup>

Todas essas transformações acabam por afetar as formas de viver e construir identidades de gênero, como nos coloca Guacira Lopes Louro, a sexualidade é construída e aprendida num processo ao longo de toda vida, de diferentes modos e sujeitos. Será através dos diversos processos culturais, que será produzido e transformado a simbologia do corpo, ganhando um sentido social que será estabelecido ou codificado, ou seja, as identidades de gênero serão compostas e definidas por relações sociais e redes de poder de determinada sociedade. Assim, a aceitação ou admissão de uma nova identidade sexual ou a transformação desta, torna-se uma alteração essencial que atinge diretamente a essência humana.

[...] Através de processos culturais, definimos o que é – ou não – natural; Produzimos e transformamos a natureza e a biologia e, conseqüentemente, as tornamos históricas. Os corpos ganham sentidos socialmente. A inscrição dos gêneros – feminino ou masculino - no corpo é feita, sempre no contexto de uma determinada cultura, portanto, com as marcas dessa cultura. As possibilidades da sexualidade – das formas de expressar os desejos e prazeres – também são sempre socialmente estabelecidas e codificadas. As identidades de gênero e sexuais, são, portanto, compostas e

---

<sup>3</sup> SAMARA, Eni de Mesquita. **Gênero em debate: Trajetória e perspectivas na historiografia contemporânea**: São Paulo. 2000. p. 13.

definidas por relações sociais, elas são moldadas pelas redes de poder de uma sociedade [...] <sup>4</sup>

Aqui o corpo, será o próprio indivíduo, e seu valor está fortemente agregado às posturas e aparências em torno da classe social, raça, religião, etc. Será na sociedade, principalmente a atual, que o corpo torna-se uma referência para a noção de identidade de gênero, sexual ou biológica, dentro das mais diversas imposições culturais, num âmbito dentro da estética e ações morais e sexuais.

Seguindo essa lógica, e apoiada na autora Guacira Lopes Louro, sigo à vertente de analisar a escola como o lugar de forte vivência e reflexo ativo da sociedade, para assim analisarmos de que forma nesse ambiente de aprendizado e construções, se desenvolve esse perfil de gênero, sexualidade. E será especificamente através de um questionário, previamente elaborado com a finalidade de se constituir o corpo documental desse trabalho, que pretendo analisar como ocorre o desdobramento dessas construções e disciplinamento de identidade entre os indivíduos no âmbito escolar.

A sexualidade atualmente deixou de ser apenas um aspecto biológico de procriação para tornar-se cultural, assim diferentes culturas tem suas próprias normas, crenças e valores que vão compondo a dimensão humana. As regras sexuais são diferentes para ambos os sexos, sendo geralmente a maioria das restrições ligada ao gênero feminino, determinado pela cultura que impõem quais são as práticas sexuais apropriadas ou não. Os movimentos sociais em torno de debates ligados aos temas de sexualidade, como a homossexualidade, aborto, o uso de contraceptivos, são iniciados principalmente em torno da afirmação dos movimentos feministas <sup>5</sup>.

As questões da sexualidade, na cultura ocidental, por muito tempo, foram motivos de vergonha, tabus e até de medo, devido suas posturas repressoras por parte da sociedade, diante de comportamentos e conceitos em torno do sexo. Assim esta era manipulada de varias formas, ora como pecado, ora como fator de controle político da sociedade e em algumas vezes, até como instrumento de prazer e felicidade. No caso do Brasil, foi no período entre 1920 e 1930, que a Educação Sexual começou a apontar, como cuidado das mulheres e evitar atitudes femininas consideradas imorais e garantir o ato sexual como reprodução. Como trabalha a teórica Mary Neide Figueiró em estudos referente à Educação Sexual:

---

<sup>4</sup> LOURO, Guacira Lopes. **O Corpo Educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte. Ed. Autêntica, 1999 (a). p. 11-12.

<sup>5</sup> WEREBE, Maria José Garcia. **Sexualidade, Política e Educação**. Campinas, SP: Autores Associados, 1998. p. 15.

Partimos do pressuposto que a sexualidade, é sobretudo, uma construção sócio-cultural e, portanto, não estática, mas sim histórica e mutável. Acreditamos que em todo processo de interação professor - alunos, alunos- alunos, e escola – família, por exemplo, dá-se a construção, manutenção ou a ressignificação dos valores morais, das normas sexuais e de todos os significados relacionados às questões da sexualidade [...] <sup>6</sup>

Todos nós somos educados sexualmente ao longo de toda nossa vida, como já citado, escolhi trabalhar com adolescentes entre 14 e 15 anos, matriculados no primeiro colegial do colégio Aplicação no município de Londrina no Paraná, pois creio que a fase da “adolescência”, está marcada pelas transformações nas varias dimensões psicossociais e culturais, onde o jovem busca e confronta sua identidade pessoal, sexual e social. É nessa fase da vida que fica mais visível, a incorporação dos modelos de masculinidade e feminilidade e será nesse contexto que se forjam as relações sociais entre os sexos, ou seja, as relações de gênero, que vão dar forma e significado às atitudes e práticas como homem ou mulher, suas interações sexuais, idéias e representações sobre a sexualidade e identidade sexual.

Por fim, acredito que não se pode pensar e repensar a sexualidade sem discutir os papéis sociossexuais e ter a possibilidade de se repensar a apreensão da realidade sociocultural em que a sexualidade se insere, como fator potencialmente transformador da sociedade.

A escola como âmbito de vivência dos alunos, seus referenciais ideológicos, o convívio entre os alunos, é o meio para entendermos a compreensão da construção de gênero e um meio de sermos sujeitos da nossa própria sexualidade, autônomo de nossas idéias, corpo, em geral, de nossa identidade.

Os capítulos que irão se desdobrando neste trabalho seguem-se na seguinte seqüência: No primeiro capítulo, iremos fundamentar e conceitualizar os estudos de gênero e sexualidade com seus principais teóricos. No segundo capítulo, segue-se a idéia do ambiente escolar como espaço das diferenças, apoiada na teoria de Guacira Lopes Louro e fundamentando também o volume 10 dos Parâmetros Curriculares Nacionais, para garantir o direito a inclusão de temas referentes à dimensão da sexualidade e gênero no universo dos jovens através dos currículos escolares. Finalizando este capítulo faremos uma discussão teórica da sexualidade e educação

---

<sup>6</sup> FIGUEIRÓ, Mary Neide Damico. Educação Sexual: Como ensinar no espaço da escola. In: **Anais do I Congresso de Educação Inclusiva**. SP. 2003. p 1-2.



escolar, ou seja, como ocorreria a prática da educação sexual, seu traçado metodológico, principais teóricas, objetivos e finalidades, como alicerce as questões aqui levantadas.

No terceiro e último capítulo faremos uma análise dos questionários aplicados aos adolescentes. Esse questionário, levantará questões referente às relações de gênero e sexualidade, para um estudo mais aprimorado sobre o que pensam, como são as atitudes e relações afetivas desses adolescentes.

## **CAPÍTULO I**

### **GÊNERO E SEXUALIDADE**

## **1.1 – Conceito e desenvolvimento dos Estudos de Gênero:**

O desdobramento deste primeiro capítulo implica na conceitualização de gênero e sexualidade, assim como também a maneira como eles se interagem.

Quando tratamos de gênero e as relações estabelecidas dentro deste conceito, no âmbito histórico, referimos à construção social das identidades de feminino e masculino e a maneira que desenvolve suas relações sociais em cada sociedade e cultura vigente. Portanto, a idéia de gênero fundamenta-se em valores sócio-culturais estabelecidas por normas em dada sociedade, no caso deste trabalho, na sociedade ocidental, a qual atribui lugares sociais diferentes entre homens e mulheres.

O conceito de gênero procura explicar as relações sociais entre homens e mulheres, resultado de questionamentos que surgiram no movimento feminista e pós diversas tentativas de explicar através de teorias biológicas a condição da subordinação feminina. Não havendo uma explicação coerente que articulasse a opressão das mulheres no trabalho, família, sexualidade, poder e identidade, nesse sentido, o conceito de gênero veio buscar uma compreensão destas questões e permitir analisar as suas conseqüentes relações, colocando em xeque as formas de organizações sociais vigentes quanto as hierarquias e desigualdades.

Assim, ao dissermos que as relações de gênero são construídas socialmente, isso implica dizer que elas se dão de forma diferente de uma sociedade para outra e em épocas diferentes. Ou seja, os sujeitos históricos têm suas relações fundamentadas por um padrão dominante no gênero, como: homem/ mulher, provedor/ reprodutor, público/ privado, dominação/ submissão. Segundo a historiadora Joan Scott esse pensamento dicotômico e polarizado sobre os gêneros, nos faz pensar e representar as relações sociais dentro dessa lógica, portanto desconstruir a polaridade rígida dos gêneros, implica em buscar os processos e as condições que estabeleceram os termos da polaridade. Portanto, que se historicize a polaridade e a hierarquia nela implícita.

Guacira Lopes Louro<sup>7</sup>, seguindo a idéia de Joan Scott ainda retrata que uma das conseqüências mais significativas da desconstrução dessa dicotomia residiria na possibilidade de se repensar as possibilidades existentes na compreensão das diferentes formas de masculinidade e feminilidade que se constituem socialmente. Incorporando essa discussão, ainda questiona que o rompimento dessa dicotomia poderá levantar problemáticas, como o conceito de heterossexualidade, tratando de mulheres e homens que vivem feminilidades e masculinidades de formas diversas e não hegemônicas e portanto, ao aceitarmos que a construção de gênero é histórica e se faz e refaz constantemente, estamos entendemos que as relações de gênero, seus discursos e representações também são históricos e estão em constante mudança.

Em contrapartida, as mudanças ocorridas ao longo do século passado, ainda é visível a presença da idéia da mulher ocupando o espaço privado, ligada aos cuidados com a família mesmo com o crescente aumento de sua participação no mercado de trabalho, enquanto o homem é participante ativo no espaço público. Como por exemplo, cria-se uma divisão entre as esferas públicas e privadas, onde a mulher esta envolta do doméstico e da subjetividade, enquanto que a esfera pública é considerada como o espaço dos homens, da liberdade, dos direitos.

As diversas instituições, como a escola, universidade, família, igreja, mídia, entre outros, colaboram diretamente na construção das identidades masculinas e femininas, influenciando nas suas relações. Portanto, desde crianças, na observação de como se dão as relações de gênero dentro de casa e fora dela, na orientação que recebem quanto a brinquedos e brincadeiras, roupas, e modos tidos como mais adequados a cada gênero, as crianças são treinadas a desenvolver papéis e habilidades específicas e diferenciadas, que irão influenciar ao longo de sua vida.

Acredita-se que as relações sociais entre os sexos constituem-se numa rede ideológica, onde acaba por colocar o ser humano numa relação hierarquizada. No que se refere às relações de gênero, apesar dos avanços das ultimas décadas, a forma como estão intrínsecas na nossa sociedade e nos valores predominantes, acabam por colocar a mulher numa posição e situação de subordinação.

Assim, as atribuições sociais impostas, que levam à manutenção das desigualdades, da forma como estão – mesmo que muitas vezes ainda despercebidas e

---

<sup>7</sup> LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, Sexualidade e Educação**. Petrópolis: Ed. Vozes. 1999 (b). p. 34.

ou camufladas – são formas de manter a opressão entre os gêneros, na tentativa de manutenção da permanência entre homens e mulheres nos seus lugares sociais.

A partir do final de 1960, o conceito de gênero foi trabalhado inicialmente pela antropologia e psicanálise, com diferentes perspectivas teóricas, situando a construção das relações de gênero na definição das identidades masculina e feminina, como base para a existência de papéis sociais distintos e também hierárquicos<sup>8</sup>. Mas será a partir do início da década de 1970 que um grupo de estudiosas anglo-saxãs começariam a utilizar o termo *gender*, traduzido para o português como gênero e aderido principalmente pelo movimento feminista<sup>9</sup>.

No Brasil, nesse período, foi um momento relevante para questionamentos sobre gênero, devido às conquistas conseguidas, como por exemplo, o direito ao voto e todas as mudanças que ocorreram com a chamada “revolução sexual”, além das pertinentes reivindicações devido à desigualdade no exercício de direitos, como políticos, trabalhistas e civis. O feminismo no Brasil, devido à influência dos movimentos feministas da Europa e dos Estados Unidos, começa a ganhar força e a historiografia passa a se interessar pela participação feminina, buscando a compreensão da trajetória histórica e da construção de seu lugar social, que segundo Guacira Lopes Louro:

[...] levantaram informações, construíram estatísticas, apontaram lacunas em registros oficiais, vieses nos livros escolares, deram voz àquelas que eram silenciosas e silenciadas, focalizaram áreas, temas e problemas que não habitavam o espaço acadêmico, falaram do cotidiano, da família, da sexualidade, do doméstico, dos sentimentos [...] <sup>10</sup>.

O feminismo em sua definição é um conjunto de idéias e práticas que tendem a superar as desigualdades sociais vivenciadas pelas mulheres, com a intenção de deter a violência, as situações de opressão e exclusão, além do que, assim como o gênero, de se repensar as relações entre o mundo público e privado<sup>11</sup>. E será inserido nesse contexto que esse movimento afirma que não serão as características anatômicas (biológicas) que

---

<sup>8</sup> FARIA, Nalu & NOBRE, Miriam. **Gênero e Desigualdade**. São Paulo: Cadernos Sempre viva, 1997. passim.

<sup>9</sup> MEYER, Dagmar. Gênero e Educação: teoria e política. In: Louro, Guacira Lopes (Org.). **Corpo, Gênero e Sexualidade**. Petrópolis: Ed. Vozes, 2003. p. 9-27.

<sup>10</sup> LOURO, Guacira Lopes. Op. Cit. 1999 (b). p. 19.

<sup>11</sup> ALVES, Branca Moreira & PITANGUY, Jacqueline. **O que é feminismo**. São Paulo: Ed. Brasiliense. 1995. passim.

definiram as diferenças apresentadas como justificativas para a presente desigualdade entre os gêneros, mas sim que as diferenças serão social e culturalmente construídas.

Dagmar Meyer, em seu trabalho *Gênero e Educação: teoria e política*<sup>12</sup> irá trabalhar com a idéia de “Duas ondas do movimento feminista”, ou seja, no primeiro momento aglutinava-se, principalmente, em torno da busca e luta do direito ao voto que ocorre com a constituição de 1934 e ao acesso ao ensino superior, com o direito à educação e ao exercício da docência, em condições dignas de trabalho. O segundo momento transcreve-se nos anos 60 e 70 do século XX, onde se associa aos movimentos de oposição aos governos da ditadura militar, remetendo a necessidade de investimentos em produção de conhecimento, cujo objetivo não seria somente de denúncia, mas sim compreender e explicar a subordinação social e invisibilidade política que as mulheres historicamente foram submetidas.

Essa segunda onda impulsionou os primeiros estudos sobre as necessidades e dificuldades das mulheres, levando para a academia temas considerados secundários, como o cotidiano, a família, sexualidade, entre outros.

Meyer ainda trabalha com a idéia de um feminismo heterogêneo e plural, que divide-se entre *feminismo liberal-burguês*, que se engajou mais na luta pelo direito ao voto e pelo acesso ao ensino superior, *o feminismo socialista*, que lutavam pela formação de sindicatos e por melhores condições de trabalho e salário, *e o feminismo anarquista*, que direciona-se ao direito a decisões referente ao próprio corpo e a sexualidade. Mas a vertente do movimento feminista, que embasa esse trabalho, inicia-se no final do século XX e que se mantém atualmente na produção acadêmica, será o *feminismo pró-estruturalista*, concebendo a cultura como um campo de luta, que trabalha o conceito de gênero em grandes dimensões sociais, culturais e lingüísticas (como exercício de poder, uma vez que a linguagem possui o poder de nomear, classificar, definir normalidades e anormalidades), em processos construídos e impressos nos corpos, separando-os entre gênero e principalmente dando enfoque a discussão da sexualidade. Levando-se em conta, não somente a mulher como campo de análise, mas as relações de poder entre homens e mulheres e as muitas formas sociais e culturais de se vivenciar e se constituir como sujeitos de gênero:

O feminismo pós-estruturalista [...] nos aproxima de abordagens muito mais amplas, que nos levam a considerar que as próprias instituições, os símbolos, as

---

<sup>12</sup> MEYER, Dagmar. In: Louro, Guacira Lopes. Op. Cit. 2003.

normas, os conhecimentos, as leis e políticas de uma sociedade são constituídas e atravessadas por representações e pressupostos de feminino e de masculino e, ao mesmo tempo, produzem e ressignificam essas representações [...]<sup>13</sup>

Apoiando-se nessa perspectiva, Meyer discute o conceito de gênero dentro dessa pluralidade através dos processos em que a cultura constrói e distingue corpos e sujeitos femininos e masculinos, admitindo “marcas” sociais, como por exemplo, classe, raça, sexualidade, geração, religião, entre outros, onde articula-se essas modificações e produções como formas de vivência e experiências por diversos grupos, ou mesmo dentre desses grupos, mas distinguindo-se pela postura e gestos dos indivíduos em diferentes momentos de sua vida.

Na década de 1970, a mão de obra feminina ganha espaço no comércio, prestação de serviços e indústrias, porém ainda sim são vista de maneira subalternada, ganhando mal e não obtendo reconhecimento. O feminismo, nesse período, no Brasil ganha o caráter de um grande movimento social, juntando-se a organizações dos trabalhadores e movimentos populares e criando um novo sujeito social, as mulheres, que se organizaram em busca de uma identidade comum, igualdade e oportunidades no mercado de trabalho. Como as autoras Nalu Faria e Miriam Nobre em “*Gênero e Educação*”, descrevem sobre esse novo sujeito social:

As mulheres conquistaram visibilidade e, por sua ação, os costumes começaram a ser transformados. A intensa campanha para que as mulheres denunciasses a violência de que eram vítimas e pela punição dos culpados modificou o senso comum, ao questionar a defesa da honra como justificativa legítima para o assassinato de mulheres. O movimento de luta por creches conquistou as primeiras creches públicas e o cuidado das crianças menores de seis anos passou a fazer parte da agenda das políticas sociais<sup>14</sup>.

Essas mesmas autoras ainda discutem as expressões *identidades de gênero* e *relações de gênero* para desconstruir os papéis sociais entre homens e mulheres pela sociedade, que na verdade não são determinadas pelas diferenças biológicas entre os sexos, mas sim repensando esse discurso social existente. Como também diz Guacira Lopes Louro, o gênero também tem uma dimensão e uma expressão biológica<sup>15</sup>.

---

<sup>13</sup> Idem, p. 16.

<sup>14</sup> FÁRIA, Nalu & NOBRE, Miriam. Op. Cit. p. 38.

<sup>15</sup> LOURO, Guacira Lopes. Op. Cit. 1999 (b). passim.

Portanto, mulheres e homens imprimem através de seus corpos, gestos, posturas e disposições, a partir das relações de poder vividas nas relações de gênero.

A presença ainda hoje dessas idéias tradicionais na hierarquização dos papéis sociais, costuma ser justificada pela idéia de que esses papéis são naturais, ou seja, homens e mulheres já nasceram para serem desse jeito e transcorrerem dessa maneira:

A naturalização dos papéis e das relações de gênero faz parte de uma ideologia que tenta crer que esta realidade é fruto da biologia, de uma essência masculina e feminina, como se homens e mulheres já nascessem assim. Ora, o que é ser mulher e ser homem não é fruto da natureza, mas da forma como as pessoas vão aprendendo a ser, em uma determinada sociedade, em um determinado momento histórico. Por isso, desnaturalizar e explicar os mecanismos que conformam essas identidades são fundamentais para compreender as relações entre homens e mulheres, e também seu papel na construção do conjunto das relações sociais<sup>16</sup>.

Portanto, se a forma de ser homem e mulher são uma construção histórica, as relações entre estes variam ao longo da história. E no último século, como já citado, essas relações sofreram transformações, principalmente no papel social das mulheres, seja na busca de autonomia, sexualidade, direito ou não a reprodução, terem acesso aos meios de produções econômicas, terem maior reconhecimento, entre tantos outros méritos e direitos. E mesmo que os homens intervenham mais ativamente no espaço familiar e doméstico, a gestão da vida cotidiana na família ainda cabe prioritariamente a mulher.

A ajuda masculina no âmbito familiar, mantém-se numa participação mais auxiliar, não ocasionando uma ruptura na divisão sexual nos papéis familiares no interior de seu quadro tradicional fundado pela preponderância feminina, que ainda tem responsabilidade principal pelos filhos e na estruturação e execução das tarefas, mesmo quando esta trabalha fora de casa, como explica o teórico Giles Lipovetsky, em seu livro “A terceira mulher: Permanência e a revolução do feminino”.

Segundo este autor, no final do século XX, as mulheres reivindicam o poder e igualdade através do espírito de competição, disputando na hierarquização o fim de suas antigas inibições, com sua presença nas esferas de poder políticas, econômicas e sociais. Envoltas pela cultura e valores atuais de poder e status, as mulheres buscam estratégias

---

<sup>16</sup> FARIA, Nalu & NOBRE, Miriam. Op. Cit. p. 29.



de carreiras, querem ser bem sucedidas em suas organizações e empresas, visam os postos de responsabilidades, como um sujeito histórico socialmente legítimo.

Michael Foucault<sup>17</sup> e suas contribuições a respeito das relações de poder, diz que o poder não é centralidade, mas sim que pode ser constituído por toda sociedade, se exercendo em estratégias e manobras, ao que ele chama de *exercício de poder*. Esse exercício de poder ocorre entre sujeitos que transgredindo essa relação, acaba por encontrar, incitar, produzir e criar a resistência, que é inerente a qualquer exercício do poder.

Hoje homens e mulheres, através de suas diferentes práticas sociais, constroem relações em que há esse exercício de poder, ao buscar negociações, avanços, entendimento na diversidade de suas relações, de seus poderes. Mas, essas relações certamente não são construídas somente por mecanismos de repressão ou censura, são tecidas também através de gestos, modo de ser e agir, condutas e posturas, por fim, os gêneros também se produzem e reproduzem nas e pelas relações de poder, nos diz Louro<sup>18</sup>.

Foucault<sup>19</sup> ainda afirma que nossos gestos são construções historicamente datadas, ou seja, deve-se problematizar os significados e valores determinados pela cultura através dos corpos, que por si só, é uma construção social, cultural e histórica. Coloca-se ainda a maneira como se disciplinam os corpos, através do poder, docilizando-os e controlando-os. Atenta-se que seu objeto de estudo não são os corpos, mas a maneira que se dá às relações sociais a partir deles, experiências e relações que estes produzem de forma hierarquizada:

[...] Desnaturalizar o corpo de forma a evidenciar os diferentes discursos que foram e são cultivados, em diferentes espaços e tempos [...] e assim entender seu poder de excluir, inferiorizar e ocultar determinados corpos em detrimento de outros<sup>20</sup>.

Por fim, a identidade de gênero, que define a masculinidade e a feminilidade é função de vários fatores psicossociais, culturais e políticos de uma sociedade do que apenas do sexo biológico.

---

<sup>17</sup> FOUCAULT, Michael. **Vigiar e Punir**. Rio de Janeiro: Ed. Graal: 1993, p. 29.

<sup>18</sup> LOURO, Guacira Lopes. Op. Cit. 1999 (b), p. 41.

<sup>19</sup> FOUCAULT, Michael. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Ed. Graal. 1992.

<sup>20</sup> LOURO, Guacira Lopes. Nome do livro ou artigo. Cidade: Editora, 2003, p. 33.

## 1.2 - Sexualidade

As sociedades modernas não se caracterizam por terem obrigado o sexo a permanecer na sombra, mas por terem se obstinado a falar do sexo sempre... enfatizando-o como algo secreto [...] <sup>21</sup>

O tema referente ao sexo e as diversas formas de se fazer sexualidade, sempre foram silenciados, tratados como tabu, tratado como vergonhoso, impuro e pecaminoso. As instituições manipulam o sexo de todas as formas, num momento como pecado, ligado a um ato impuro, no outro como fator político de controle na sociedade.

Ou seja, o corpo em toda sua dimensão foi controlado, domesticado e submetido a padrões, disciplina, através de estereótipos, mentalidades, vestuários, etc. Assim o imaginário, enquanto campo de significações produzidas sofre continuamente manipulações culturais. Segundo os padrões sociais e tradicionais, concede a mulher a passionalidade na relação, enquanto ao homem uma idéia de relação sexual sem afeto, somente pelo prazer e na iniciativa e controle da progressão da relação.

As relações sociais entre homens e mulheres dentro da conotação sexual, são influenciadas diretamente pelas expectativas dos estereótipos, que mudam e se transformam historicamente e conjuntamente com as sociedades, criando os papéis sociais estabelecidos pela identidade de gênero. Assim como a identidade de gênero e intrinsecamente ligado a ela, as atividades sexuais ocorrem segundo as particularidades do indivíduo frente às exigências culturais, normas e padrões da sociedade. Segundo a autora Werebe, devido à intervenção dos fatores ideológicos na sexualidade humana não podemos estudá-la e caracterizá-la fora de seu contexto sócio-cultural:

Todo indivíduo nasce num momento dado da história, no seio de uma cultura distinta. Seus desejos, suas emoções e relações inter-pessoais são formados pelas suas interações com a cultura, dentro da sociedade em que vive <sup>22</sup>.

Desta forma, cada cultura irá determinar quais são as práticas sexuais mais apropriadas, morais e saudáveis. Segundo essa mesma autora, cada sociedade irá se organizar através da divisão social e sexual do trabalho, distribuição de empregos,

---

<sup>21</sup> FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade...** Cidade: Editora, 1976, p ?

<sup>22</sup> WEREBE, Maria José Garcia. Op. Cit. p.15.

regulamentação e legalização das uniões conjugais, as responsabilidades paternas e funções domésticas. Fixando assim, os papéis sexuais que são definidos e impostos em diferentes culturas.

O conceito de sexualidade difere-se do conceito de sexo. O sexo refere-se à relação sexual, o ato em si. Enquanto que a sexualidade é muito mais uma questão social que individual, sendo regida pelos comportamentos, normas e regras culturais, a orientação sexual do indivíduo, a afetividade, o amor, o contato entre as duas pessoas, o prazer, a curiosidade, descobertas, a atração e entre outros sentimentos que ampliam a dimensão da sexualidade, levando em conta, o papel e o valor do sexo que cada cultura cria. Mary Neide Figueiró nos diz:

O significado do sexo e da sexualidade, consiste em que o primeiro está relacionado diretamente ao ato sexual e à satisfação da necessidade biológica de obter prazer sexual [...]. A sexualidade, por sua vez, inclui o sexo, a afetividade, o carinho, o prazer, o amor ou sentimento mútuo de bem querer, os gestos, a comunicação, o toque e a intimidade. Inclui também, os valores e as normas morais que cada cultura elabora sobre o comportamento sexual.<sup>23</sup>

No caso da tradição judaica – cristã sobre a sexualidade, enraizada na cultura ocidental, há a crença de que a procriação seria a razão básica para o relacionamento sexual, por isso um dos motivos de a Igreja condenar a homossexualidade é que esta engloba o ato sexual não como procriação, mas por prazer.

No século XVIII, predominava as idéias de Rousseau que tinham como fundamento a crença na bondade e a sociedade como a origem do mal. Seu trabalho inspirou reformas e políticas educacionais cujo objetivo da educação seria o desenvolvimento das potencialidades da criança e o seu afastamento dos males sociais. Em seu livro “Emílio” ou “Da Educação”, ele associa o sexo à dor, ao sofrimento, às perversões e ao enfraquecimento, por isso, os interesses da criança por essa questão deveriam ser retardados pela educação.

Marilena Chauí (1987) pontua que durante o século XIX, o sexo passou a ser investigado e estudado num contexto médico-científico, onde a maior preocupação era classificar as patologias físicas e psíquicas, a propagação de doenças venéreas, os desvios e as anomalias sexuais com objetivos higiênicos, como reguladores das condutas consideradas anormais. Essa prática teve a escola como um de seus

---

<sup>23</sup> FIGUEIRÓ, Mary Neide Damico. Op. Cit. p. 2.

propagadores, principalmente com o surgimento dos internatos, tanto na Europa quanto no Brasil, aproveitando-se do discurso da higiene para normatizar o comportamento dos jovens. Segundo a autora Werebe, nessas circunstâncias, a educação empenhou-se no combate a masturbação, além dos professores evitarem o despertar da curiosidade dos alunos, desenvolvendo assim o medo e a repulsa dentro de seu corpo discente em relação à sexualidade. Portanto, a escola se mostrava como espaço da não-sexualidade.

Nesse sentido, segundo o autor Paulo Rennes Marçal Ribeiro, complementa: “*A sexualidade é construída como experiência histórica singular que sofre mecanismos diversos de repressão, cuja historicidade exclui da análise o “desejo” e o “sujeito do desejo” e inclui os valores morais puritanos*”<sup>24</sup>.

No século XX, com o movimento feminista e a ascensão das mulheres na luta pelo voto, encabeçando organizações e movimentos sociais, com questionamentos referentes ao aborto, casamento e virgindade, principalmente na década de 1960, surge a esse contexto a comercialização da pílula como agente anticoncepcional, que buscava desvincular o sexo da procriação. Maria Luzia Macedo de Araújo, em *A construção histórica da sexualidade*, descreve que a luta pelos direitos da mulher, sua liberdade sexual, igualdade de direitos sociais, profissionais e conjugais, levou ao questionamento dos valores até então estabelecidos. As mudanças, porém, não ocorreram na mesma época nas diferentes sociedades e camadas sociais, ao contrário, ainda hoje observamos grandes contrastes.

No âmbito da sexualidade a contracultura teve uma grande importância como representação da emancipação sexual:

Embutiam-se na contracultura questionamentos políticos e novos estilos de vida entre os jovens, além das drogas, da aceitação do amor livre, aborto, homossexualidade e nudez em público. Particularmente, no entanto, o movimento hippie propunha a paz e o retorno à natureza e teve como marco o concerto de Woodstock, em 1969. O movimento para a Libertação Gay assumiu características políticas, sendo importante para estudos sobre sexualidade, pois foi a primeira vez que os homossexuais enfrentaram preconceitos e assumiram uma postura política<sup>25</sup>.

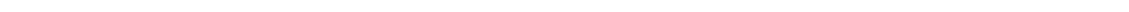
---

<sup>24</sup> RIBEIRO, Paulo Rennes Marçal. O Ficar e o Rolo: Provocando debates sobre as atitudes e relações afetivas dos jovens do final do século XX e início do século XXI. In: \_\_\_\_\_. & FIGUEIRÓ, Mary Neide Damico & RIBEIRO. **Adolescência em questão: Estudos sobre a sexualidade**. São Paulo: Ed. Cultura Acadêmica. 2006. p. 28.

<sup>25</sup> ARAÚJO, Maria Luiza. A construção histórica da sexualidade. In: RIBEIRO, Marcos (ORG.). **O Prazer e o Pensa**. São Paulo: Ed. Gente: 1999. p. 32.

A sexualidade esta intrínseca a personalidade de todo ser humano. Seu desenvolvimento depende da satisfação de necessidades humanas básicas, como desejo do contato, intimidade, expressão emocional, prazer, carinho, amor. Com isso, a sexualidade é construída através da interação entre os indivíduos e as estruturas sociais e seu total desenvolvimento é essencial para o desenvolvimento individual, interpessoal e social.

Por fim, não se pode repensar a sexualidade sem discutir os papéis sócio-sexuais, perceber as crenças, atitudes e valores, assim estudando o individuo inserido em sua dimensão social, o que inclui o aspecto educacional, que é o tema de nosso próximo capítulo.



## **CAPÍTULO II**

### **VIVÊNCIA ESCOLAR: CONSTRUÇÃO DE GÊNERO E SEXUALIDADE NO ENINO**

## 2.1 – A Escola como Lugar das Diferenças

A Criança e o adolescente têm o direito à liberdade,  
ao respeito e à dignidade como pessoas humanas.  
(Art. 15 – ECA)

A instituição educacional na nossa sociedade, ou seja, a escola institui-se como uma agência de treinamento das crianças e adolescentes com a finalidade de responder às demandas sócio – culturais e tecnológicas que emergem no país, agindo na maioria das vezes de maneira inconsistente, inoperante e discriminadora. Deixando assim de ser um lugar de abertura ao desenvolvimento individual, afetivo e emocional e de auto – realização para o indivíduo.

Há vários tipos de escolas, sejam particulares, como públicas de periferias ou de zonas centrais, religiosas, laicas e por assim adiante, possuindo populações heterogêneas do ponto de vista das multiplicidades sociais que as habitam. Como nos coloca Isaura Rocha Guimarães:

O Brasil passou a ser um país de duas escolas, uma, bem montada, que se reveste dos padrões internacionais na competição educativa, e é particular; e a outra, desleixada, insuficiente, com padrões ínfimos de qualidade e segurança, que é pública. <sup>26</sup>.

Neste capítulo temos a intenção de problematizar o espaço e a educação escolar, como um lugar onde “aprendemos” a ocupar e reconhecer nossos lugares sociais, através de diferentes e conflitantes formas de conceber e de viver o gênero e a sexualidade, homogeneizando a maneira de se conhecer o “eu” e o “outro”. Ou seja, a escola delimitará espaços, apontando aqueles (as) a serem modelos, permitindo também, que os sujeitos se reconheçam ou não nesses moldes e caso não haja esse reconhecimento, ela se torna mais do que discriminatória, mas também insuficiente (no sentido de abrangência das diferenças), incompetente e ineficaz.

Guacira Lopes Louro aponta em seus livros, a idéia da escola como um espaço das construções das diferenças, ou seja:

---

<sup>26</sup> GUIMARÃES, Isaura Rocha. Sexualidade e Educação Escolar: Uma discussão teórica. In: RIBEIRO, Paulo Rennes Marçal & FIGUEIRÓ, Mary Neide Damico (Orgs). Op. Cit. p.11.

Diferença, distinções, desigualdades... A escola entende disso. Na verdade, a escola produz isso. Desde seus inícios, a instituição escolar exerceu uma ação distintiva. Ela se incumbiu de separar os sujeitos – tornando aqueles que nela entravam distintos dos outros, os que a ela não tinham acesso. Ela dividiu também, internamente, os que lá estavam, através de múltiplos mecanismos de classificação, ordenamento, hierarquização. A escola que nos foi legada pela sociedade ocidental moderna começou por separar adultos de crianças, católicos de protestantes. Ela também se fez diferente para os ricos e para os pobres e ela imediatamente separou os meninos das meninas. Concebida inicialmente para acolher alguns – mas não todos – ela foi, lentamente, sendo requisitada por aqueles aos quais havia sido negada. Os novos grupos foram trazendo transformações à instituição. Ela precisou ser diversa: organização, currículos, prédios, docentes, regulamentos, avaliações iriam, explícita ou implicitamente, “garantir” – e também produzir – as diferenças entre os sujeitos<sup>27</sup>.

Dessa forma, acreditando que a escola seja um reflexo ativo da sociedade, de que maneira esse ambiente de aprendizado e construções, desenvolve esse perfil de gênero e sexualidade?

Num ambiente onde meninos e meninas convivem diariamente e intimamente, eles e elas se movimentam, circulam e se agrupam de maneiras distintas. Com isso, gestos, movimentos e sentidos são produzidos no espaço escolar e incorporados, tornando-se parte de seus corpos. É o que Louro, chama de “corpo escolarizado”, ali eles aprenderam a olhar e se olhar, ouvir, calar e falar, podendo como sujeitos reagirem, responderem, recusarem ou assumirem esses modelos inteiramente. Assim, a autora pontua que através do aprendizado de papéis, cada um (a) deveria reconhecer o que é considerado adequado e inadequado para um homem ou mulher numa determinada sociedade:

Todos os sentidos são treinados, fazendo com que cada um e cada uma conheça os sons, os cheiros e os sabores “bons” e decentes e rejeitem os indecentes; aprenda o que, a quem e como tocar (ou, na maior das vezes, não tocar); fazendo com que tenha algumas habilidades e não outras... E todas essas lições são atravessadas pelas diferenças, elas confirmam e também produzem diferenças. Evidentemente, os sujeitos não são passivos receptores de imposições

---

<sup>27</sup> LOURO, Guacira Lopes. Op. Cit. 1999 (b). p. 57.



externas. Ativamente eles se envolvem e são envolvidos nessas aprendizagens [...] <sup>28</sup>.

Portanto, a escola atua tanto na instrução como ainda na interiorização de hábitos e valores que possam dar suporte à sociedade em construção, preparando as crianças e jovens moral e fisicamente tendo por base a educação do corpo, ou seja, capazes de expressar e exibir os signos, crenças, normas e as marcas corporais da sociedade.

Complementando a fala de Louro, Dagmar Meyer, em “Gênero educação: teoria e política”, pontua o espaço escolar e as práticas pedagógicas se desenvolvendo a partir de uma identidade que é norma, aceita e legitimada, sendo heterossexual, de classe média e judaico-cristã. Assim o âmbito escolar como espaço da diferença, é reduzida as instâncias sociais, envolvidas pelo efeito dessa produção, portanto será a diferença que marcará e reduzirá o indivíduo ou grupo de indivíduos a ela.

Outro ponto que esta autora levanta, é há necessidade de compreensão de que tanto a normalidade quanto a diferença são social e culturalmente produzidas:

[...] Um corpo que, ao mesmo tempo que é único e revelador de um eu próprio, é também um corpo partilhado porque é semelhante e similar a uma infinidade de outros produzidos neste tempo e nesta cultura. <sup>29</sup>.

Devemos perceber o espaço escolar em toda sua dimensão, como um campo político, desde seu currículo, disciplinas, normas regimentais, suas formas de avaliação, tipos de materiais didáticos, que acabam por refletir e produzir as desigualdades de gênero, de raça e etc., incentivando o preconceito e a discriminação. Por isso, Guacira Lopes Louro pontua de maneira incisiva as idéias equivocadas que os educadores possuem da educação sexual:

Muitos pensam que se deixarem de tratar desses “problemas” a sexualidade ficará de fora da escola. É indispensável que reconheçamos que a escola não apenas produz ou reflete as concepções de gênero e sexualidade, que circulam na sociedade, mas que ela própria produz <sup>30</sup>.

---

<sup>28</sup> Idem, p. 61.

<sup>29</sup> MEYER, Dagmar. In: Louro, Guacira Lopes (Org.). 2003. p. 40.

<sup>30</sup> LOURO, Guacira Lopes. Op. Cit. 1999 (b). p. 80-81.

Por isso a principal finalidade da educação sexual no universo escolar, seria desconstruir os modelos e padrões hegemônicos da sexualidade e de gênero, explicitando a hierarquia de poder e de interesses envolvidos na intencionalidade de sua construção, para enfim, apresentar outras possibilidades sexuais presentes no social, na cultura e na política da vida humana, problematizando o modo como são significadas e como produzem seus efeitos sobre a existência das pessoas.

No desenvolver do curso de História, no ensino fundamental e médio, as discussões podem transcender para um terreno político sobre o multiculturalismo, como as mulheres, homossexuais e os negros, enfim aqueles que são subordinados na sociedade e que fogem do currículo escolar da cultura branca, européia e heterossexual. Tomaz Tadeu da Silva, diz que os currículos escolares de todos os níveis de ensino deveriam incluir uma amostra que fosse mais representativa das contribuições das diversas culturas subordinadas (mulheres, negros/negras, homens e mulheres homossexuais – gays e lésbicas), numa perspectiva crítica do que é tolerância e convivência entre as diferentes culturas:

Apesar de seu impulso aparentemente generoso, a idéia de tolerância, por exemplo, implica também uma certa superioridade por parte de quem mostra “tolerância”. [...] A noção de respeito implica um certo essencialismo cultural, pelo qual as diferenças culturais são vistas como fixas, como já definitivamente estabelecido ,restando apenas “respeitá-las”<sup>31</sup>.

Assim, segundo Maria de Fátima da Cunha<sup>32</sup>, Tadeu da Silva, considera que os currículos não só como idéias e abstrações que passam de mente em mente, mas também como experiências ou práticas, podemos pensar os mesmos como um campo de possibilidades, de contestação, de construção divergente. Dessa forma, segundo Tomaz Tadeu da Silva, o currículo é aquilo que nós (estudantes, professores) fazemos, mas também é aquilo que “as coisas fazem a nós”. Os currículos teriam efeitos, nos produziriam também, demonstrando, dessa forma, os vínculos com as relações de poder existentes na sociedade. A partir dessas considerações, pensamos ser possível analisar quais idéias a respeito de gênero os PCNs procuram veicular.

---

<sup>31</sup> SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de identidade – Uma introdução às teorias do currículo**. Belo Horizonte: Ed. Autentica. 2001, p.88.

<sup>32</sup> CUNHA, Maria de Fátima da. Gênero e Sexualidade nos PCNs In: **Fronteiras**, vol. 15, Florianópolis: 2007, p. 76-86.

Todavia, ainda para Cunha, seria interessante enfatizar, primeiramente, que já há algum tempo a questão da sexualidade e de gênero na educação, no sistema escolar e mais especificamente na escola, desperta a atenção dos pesquisadores. Segundo Moema Toscano, os primeiros estudos voltados para essas discussões datam do final dos anos 1970 e início dos anos 1980. Para a autora, o alvo principal dessa reflexão era a denúncia quanto a práticas abertamente sexistas nas escolas, com a tolerância, quando não com a cumplicidade de pais e professores. Ainda para Toscano: “(...) *Estes, em geral, não se apercebiam do peso de seu papel na reprodução dos padrões tradicionais, conservadores, que persistiam na educação, apesar de seu aparente compromisso com a democracia e a modernidade [...]*”<sup>33</sup>.

Desta forma, segundo Cunha, percebe-se então que a temática dessas questões tratadas pelos PCNs vêm na esteira de estratégias e de discussões de décadas anteriores. No volume 10 dos Temas Transversais dos PCNs, intitulado “Pluralidade Cultural e Orientação Sexual”, argumenta-se sobre a urgência da inclusão do tema da sexualidade nos currículos, em decorrência, principalmente, do aumento da gravidez indesejada de adolescentes, bem como do risco sempre presente da contaminação pelo vírus da AIDS. Fica claro nesse volume dos Temas Transversais que<sup>34</sup>:

A retomada contemporânea dessa questão deu-se juntamente com os movimentos sociais que se propunham, com a abertura política, a repensar sobre o papel da escola e dos conteúdos por ela trabalhados. Mesmo assim não foram muitas iniciativas tanto na rede pública como na rede privada de ensino<sup>35</sup>.

Segundo os PCNs, em especial após a década de 1980, esses problemas se agravaram acentuadamente. A princípio, haveria um certo receio quanto à aceitação da inserção desses temas na escola, mas uma pesquisa realizada, em 1993, pelo Instituto Data-Folha em dez capitais constatou que 86% das pessoas ouvidas eram favoráveis à inclusão da orientação sexual nos currículos escolares.

De acordo com Cunha, apesar de reconhecer que seria na família que a criança recebe a maior parte da educação sobre a sexualidade, para os PCNs, a escola também teria papel importante nesta orientação. Até porque, segundo os mesmos, o espaço

---

<sup>33</sup> TOSCANO, Moema. **Estereótipos Sexuais na Educação um manual para o educador**. Petrópolis: Vozes: 2000. p. 21.

<sup>34</sup> PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS. Temas Transversais. Pluralidade cultural: orientação sexual/Secretaria da Educação. Ensino Fundamental. 2. Ed. RJ, DP&A: 2000, p.111.

<sup>35</sup> CUNHA, Maria de Fátima da. Op. Cit. 2007.

escolar seria invadido por informações provenientes principalmente da mídia, em especial da TV, e haveria ainda a clara presença da sexualidade dos adultos na escola: “Pode-se notar, por exemplo, a grande inquietação e curiosidade que a gravidez de uma professora desperta nos alunos”. Para Cunha, caberia perguntarmos então o por quê dessa curiosidade? Estaria ligada ao fato das professoras ocuparem uma posição “intocada”, distante, para os alunos? Para os mesmos, professoras não fariam sexo? E mais, os alunos já não teriam visto outras mulheres grávidas fora do espaço escolar?

Cunha demonstra que ao longo das páginas discute-se muito a necessidade da orientação sexual e da prevenção de doenças transmissíveis, em especial da AIDS, pensando-se no bem-estar das crianças e dos jovens e da “vivência de sua sexualidade atual e futura”. Enfatiza-se que a sexualidade tem importância “psíquica”, pois se relaciona com a busca do prazer, que seria fundamental para os seres humanos e que cada sociedade cria um conjunto de regras que ditam o comportamento sexual dos indivíduos. Entretanto, apesar da explícita preocupação com o que se denomina de dimensão do prazer, esta parece ficar deslocada frente ao intenso “medo” em relação à AIDS. Em algumas páginas as palavras AIDS/HIV aparecem citadas até quatro vezes<sup>36</sup>. Fica evidente a preocupação em se alertar para o perigo da doença, mas como pensar então a “dimensão do prazer” que pode matar?

À primeira vista, uma das propostas apresentada pelos PCNs consiste em discutir tabus, preconceitos e atitudes existentes na sociedade de forma, senão totalmente isenta, mas de modo distanciado. Este distanciamento é exigido principalmente por parte dos professores, levando os alunos a tirarem as próprias conclusões. Um dos exemplos dados sobre temas tabus é a virgindade.

Todavia, há que se ressaltar que, segundo os Temas Transversais tal posicionamento por parte do educador, diante dessas questões demandaria um conhecimento teórico, ou pelo menos leituras sobre a temática da sexualidade que levasse a uma reflexão sobre valores e preconceitos dos próprios educadores:

O professor deve então entrar em contato com questões teóricas, leituras e discussões sobre as temáticas específicas de sexualidade e suas diferentes abordagens; preparar-se para a intervenção prática junto dos alunos e ter acesso a um espaço grupal de supervisão dessa

---

<sup>36</sup> Conferir páginas 147, 148 e 151, do volume 10 dos Temas Transversais. Por exemplo: “AIDS mata” e “A mensagem a ser trabalhada é “AIDS” previna-se”.

prática, o qual deve ocorrer de forma continuada e sistemática.<sup>37</sup>

Apesar, segundo Cunha, de falar recorrentemente da AIDS, tabus e preconceitos e na necessidade de combate aos mesmos, chama a atenção o fato de somente em um momento se falar em homossexualidade, exatamente quando se fala de vários outros “temas tabus”:

[...] a partir da puberdade, os alunos também já trazem questões mais polêmicas em sexualidade, já apresentam necessidade e melhores condições de refletir sobre temáticas como **aborto**, virgindade, **homossexualidade**, **pornografia**, **prostituição** e outras. [...] É importante que a escola possa oferecer um espaço específico dentro da rotina escolar para essa finalidade [...] (Grifos no original em Cunha, 2007)<sup>38</sup>.

Realmente, segundo Cunha, devemos concordar que os currículos revelam muitos aspectos contraditórios sobre a sociedade em que se vive, pois inserir o homossexualismo ao lado de práticas pertencentes ao campo do que se considera ilegal e imoral indica, no mínimo, o “desconforto” dessa sociedade ao tratar o tema. Será que a escola é capaz de se constituir no “espaço específico” para se discutir o que está mais do que explícito nessas constatações?

Com relação às questões de gênero, indica-se que estas deverão ser trabalhadas nas disciplinas de Educação Física e de História. Os papéis femininos e masculinos deveriam ser mostrados como construções sociais: “*A discussão sobre as relações de gênero tem como objetivo combater relações autoritárias, questionar a rigidez dos padrões de conduta estabelecidos para homens e mulheres e apontar para sua transformação*”<sup>39</sup>.

Por fim, segundo Cunha, entende-se a relevância de se trabalhar as diferenças sexistas no espaço escolar, se levarmos em conta, como observa Guacira Lopes Louro, que a escola é um dos lugares onde se delimita espaços. Servindo-se de símbolos e códigos, a escola afirma o que cada um pode, ou não pode fazer, ela separa e institui. Para a autora:

[...] Através de seus quadros, crucifixos, santas ou esculturas, aponta aqueles/as que deverão ser modelos e permite, também, que os sujeitos se reconheçam (ou não) nesses modelos. O prédio

---

<sup>37</sup> CUNHA, Maria de Fátima da. Op. Cit. 2007.

<sup>38</sup> PCNs, op. Cit, p. 129.

<sup>39</sup> CUNHA, Maria de Fátima da. Op. Cit. 2007.

escolar informa a todos/as a sua razão de existir. Suas marcas, seus símbolos e arranjos arquitetônicos “fazem sentido”, instituem múltiplos sentidos, constituem distintos sujeitos [...] <sup>40</sup>.

Por fim, o contexto escolar não apenas define as representações hegemônicas, mas estabelecem as diferenças, as hierarquias e as qualificações valorativas das identidades.

Cabe ao ensino de história, com sua multiplicidade de fontes e linguagens de produção do saber histórico, dentro de sua função social, suscitar questões a respeito da produção de representações (identidades sociais), tanto coletivas como individuais, para que assim dê possibilidades de desconstrução e construção, como nos coloca Lana Mara de Castro Siman <sup>41</sup>, e incluindo assim, os próprios significados que os sujeitos constroem a respeito do mundo em que vivem, de suas heranças passadas e de seus projetos futuros.

Através dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), lançados pelo Ministério da Educação e do Desporto através da Lei 9394/96 para o Ensino Fundamental e Médio, têm com o objetivo de auxiliar na execução do trabalho docente através dos temas transversais (Saúde, Direitos Humanos e socioassistenciais, Trabalho, Cultura, Meio Ambiente e Esporte/Lazer), como apontou o Ministro Paulo Renato de Souza na apresentação do documento:

Só se exerce a cidadania plena tendo acesso aos recursos culturais relevantes, tanto aos domínios do saber tradicionalmente presentes no trabalho escolar, quanto às preocupações contemporâneas com o Meio Ambiente, com a Saúde, com a Sexualidade e com as questões éticas relativas à igualdade de direitos, à dignidade do ser humano e à solidariedade [...] (BRASIL, 1997: 5).

Embora a temática sexualidade, esteja presente nos meios de comunicação, nas discussões sociais, ns músicas, na literatura, ela ainda é, muitas vezes tratada como algo proibido e inaceitável, especialmente, quando se trata do desenvolvimento da sexualidade e suas expressões no cotidiano escolar.

---

<sup>40</sup> LOURO, Guacira Lopes. Op. Cit. 1999 (a). p. 58.

<sup>41</sup> SIMAN, Lana Mara de Castro Siman. **Inaugurando a História e Construindo a nação**. Belo Horizonte: Ed. Autentica. 2001. p. 166.

Porém o processo de inclusão nos currículos escolares, de temas como à sexualidade ocorre de maneira defasada e não formal e organizada, ainda é apoiada pela grande omissão admitida pelos pais, que cada vez mais, negam aos seus filhos o direito à informação, ao respeito e a liberdade de se conhecer e discutir o assunto. Entretanto, o PCN ao discorrer sobre a sexualidade e relações de gênero acaba por autorizar que todo e qualquer professor trate dessas questões em suas aulas, sem que haja medo ou receio de represálias por parte da sociedade.

Dentro do PCN, a temática sobre sexualidade e discussão de gênero, encontra-se presente no volume 10 “Orientação Sexual”, como já vimos, irá considerar a sexualidade como algo inerente à vida e à saúde, que se inicia no nascimento do indivíduo, prepassando ao longo de sua vida, até sua morte. Englobam-se as relações de gênero, o respeito a si mesmo e ao outro e à diversidade de crenças, valores e expressões culturais existentes numa sociedade democrática e pluralista. No caso desse documento que é próprio ao âmbito escolar (onde a sexualidade permanece por meio das atitudes dos alunos em sala de aula e da convivência social entre eles), irá discorrer sobre a postura do educador e da escola frente ao tema e as referências necessárias à atuação educacional ao tratar do assunto, buscando sistematizar a ação pedagógica e o estímulo à reflexão dos jovens a partir da problematização e debate das diversas temáticas atuais e inerentes a sexualidade, a fim de desenvolver uma ação crítica, reflexiva e educativa.

Na primeira parte desse documento, discuti-se os valores, podendo ser conservadores, liberais ou progressistas, associados à sexualidade que as crianças e adolescentes apreendem. Percebe-se que a educação sexual sofre diferentes estímulos durante esse processo de construção. Todas as pessoas com quem convivem (outras crianças, pais, mídia, jovens e adultos) ao expressarem sua sexualidade ensinam coisas, transmitem conceitos e idéias, tabus, preconceitos e esteriotipos que vão se incorporando ao indivíduo.

A mídia, com seu relevante papel, vai ajudar a moldar visões e comportamentos referentes à sexualidade, além de ministrar campanhas educativas que nem sempre são dirigidas e adequadas a esse público, onde muitas vezes moraliza e reforça preconceitos. A educação sexual proposta por esse documento, coloca o espaço escolar como meio de preencher lacunas nas informações que a criança e o adolescente já possuem e, principalmente, criar a possibilidade de formar opinião a respeito do que lhes é ou foi apresentado.

No caso da escola, certas posturas como no cotidiano da sala de aula, quando proíbe certas manifestações e permite outras, seja quando opta por informar os pais sobre algumas “atitudes inadequadas” de seu filho, está sempre transmitindo certos valores, mais ou menos rígidos, a depender dos profissionais envolvidos no momento. Com os hormônios, a sexualidade assume o centro da vida dos jovens e no comportamento dos adolescentes, ou seja, está em todos os lugares, na escola ou fora dela, nas malícias, nas piadinhas, nos bilhetinhos, nas atitudes e apelidos maldosos, nas caricias públicas, no namoro e etc., assim, a escola pode ter um papel diferenciado produzindo conhecimento, respeito a si mesmo, ao outro e à coletividade.

Nessa exploração do próprio corpo, na observação do corpo de outros, e a partir das relações familiares é que a criança se descobre num corpo sexuado de menino ou menina. A construção do que é pertencer a um ou outro sexo se dá pelo tratamento diferenciado para meninos e meninas, inclusive nas expressões diretamente ligadas à sexualidade e pelos padrões socialmente estabelecidos de feminino e masculino. Esses padrões são oriundos das representações sociais e culturais construídas a partir das diferenças biológicas dos sexos, e transmitidas através da educação, o que atualmente recebe a denominação de “relações de gênero”.

A escola sendo capaz de incluir a discussão da sexualidade no seu projeto pedagógico abordará os diversos pontos de vista, valores e crenças existentes na sociedade para auxiliar o aluno a construir um ponto de auto – referência por meio da reflexão, exigindo um planejamento e intervenção por parte dos profissionais da educação.

O trabalho de educação sexual no âmbito escolar se faz, problematizando, questionando e ampliando o leque de conhecimentos e de opções para que o próprio aluno escolha seu caminho, não tendo, portanto, caráter de aconselhamento individual nem psicoterapêutico. Isso quer dizer que as diferentes temáticas de sexualidade devem ser trabalhadas dentro do limite da ação pedagógica, sem invadir a intimidade e o comportamento de cada aluno ou professor.

Optou-se por integrar a Educação Sexual nos Parâmetros Curriculares Nacionais, contemplados pelas diversas áreas do conhecimento e será por meio do diálogo, da reflexão e da possibilidade de reconstruir as informações, que o aluno conseguirá transformar, ou reafirmar, concepções e princípios, construindo de maneira significativa seu próprio código de valores.



A finalidade do trabalho da Educação Sexual é contribuir para que os alunos possam desenvolver e exercer sua sexualidade com prazer e responsabilidade. Esse tema vincula-se ao exercício da cidadania na medida em que propõe o desenvolvimento do respeito a si e ao outro e contribui para garantir direitos básicos a todos, como saúde, a informação e o conhecimento, elementos fundamentais para a formação de cidadãos responsáveis e conscientes de suas capacidades.

Entre outros objetivos gerais é: respeitar a diversidade de valores, crenças e comportamentos; compreender a busca pelo prazer; conhecer seu corpo; identificar e repensar tabus e preconceitos; reconhecer construções culturais e características socialmente atribuídas ao masculino e feminino; identificar e expressar sentimentos e desejos; agir de modo solidário em relação aos portadores de HIV; conhecer e adotar práticas de sexo protegido; evitar a gravidez indesejada, entre outras.

Na segunda parte deste documento, que se propõe a analisar conteúdos de orientação sexual, compõem todos os assuntos que precisam incluir as dimensões do corpo, as relações de gênero e a prevenção das doenças sexualmente transmissíveis em sua discussão.

Os critérios de seleção para o trabalho de educação sexual, devem se nortear pelas questões que pertencem à ordem do que pode ser apreendido socialmente, preservando assim a vivência singular das infinitas possibilidades da sexualidade humana, pertinente à ordem do que pode ser prazerosamente aprendido, descoberto ou inventado no espaço da privacidade de cada um.

No segundo bloco que se desdobra sobre as relações de gênero, que são noções de “masculino” e “feminino” em sua construção social. Mesmo com a grande transformação dos costumes e valores que vêm ocorrendo nas últimas décadas, ainda persistem muitas discriminações, por vezes encobertas, relacionadas as relações de gênero.

O trabalho sobre relações de gênero tem como propósito combater relações autoritárias, questionar a rigidez dos padrões de conduta estabelecidos para homens e mulheres e apontar para sua transformação. As diferenças não precisam ficar aprisionadas em padrões preestabelecidos, mas podem e devem ser vividas a partir da singularidade de cada um.

Tratar das relações de gênero com as diferentes faixas etárias, percebe-se ser uma tarefa complicada devido alguns mitos ligados ao gênero na escola, como por exemplo, dizer que os meninos são melhores em algumas matérias que as meninas e

vice-versa. Deve-se perceber que são comportamentos e habilidades socialmente desenvolvidos.

Podem-se trabalhar as relações de gênero em qualquer situação do convívio escolar, nessas situações, o professor deve estar atento, para poder intervir contra as discriminações e possa questionar os estereótipos associados ao gênero. Os momentos e as situações em que se faz necessária essa intervenção são os que implicam discriminação de um aluno em seu grupo ou situações de depreciação ou menosprezo por colegas do outro sexo.

Este documento segue uma das vertentes de pensamento deste trabalho, ao tratar a sexualidade como sendo construída por uma História, Cultura e Ciência, a partir das possibilidades individuais e de sua interação com o meio e a cultura. Porém, mais do que incentivar a educação sexual é necessário também o governo buscarem incentivar os educadores a cursos para se aprofundarem no tema, propondo no discurso, entretanto sem viabilizar na prática.

Por isso, acredito ser muito interessante o Grupo de Estudo de Educação Sexual, ministrado pela Dra. Profa. Mary Neide Damicó Figueiró, através da Universidade Estadual de Londrina, em encontros semanais com educadores do ensino fundamental e médio, com o propósito de repensarem seus valores frente à temática da sexualidade e suas implicações nas relações de gênero nas situações do cotidiano escolar, podendo assim desempenhar melhor e de maneira mais consistente esse papel de agregação de conhecimentos a respeito da sexualidade.

## **2.2 - A Prática da Educação Sexual**

Nenhuma dicotomia é capaz de nos explicar. Estamos sendo a tensa relação entre o que herdamos e o que adquirimos. Estar no mundo e com o mundo como corpos conscientes, existentes, histórico-sociais, implica a assunção, por nossa parte, de um corpo inteiro que não pode ser dividido – corpo e mente; razão e emoção; inteligência e sentimentos; corpo como “geografia” do pecado, alma como pureza; razão como certeza; emoção como erro.

(Paulo Freire)

Poder perceber a sociedade como o elemento que nos desenha e delimita, transformando-nos em homens e mulheres, em torno de uma grande construção cultural,

são um dos pilares desse projeto. Nas discussões anteriores, levantamos questões a respeito de gênero, sexualidade e o papel destes no âmbito escolar, mas realmente qual seria uma das maneiras de se criar espaços, discussões e entendimento por parte dos jovens acerca desses assuntos?

Como fazê-los refletir sobre sua cultura, como eixo das normas, crenças e valores que cercam sua sociedade e que vão compondo a dimensão humana? Além de pensar e repensar sentimentos, relações inter-pessoais e todas as novas sensações e descobertas da sua sexualidade que se afluam em toques, gestos, prazeres e amores? Por fim, como sensibilizar os jovens, para a importância do desenvolvimento da sexualidade como essencial ao desenvolvimento individual, inter-pessoal e social?

Para isso, esse projeto toma como frente aos mais diversos questionamentos e necessidades aqui levantadas sobre gênero e sexualidade, o estudo da Educação Sexual. Segundo a autora Naumi de Vasconcelos<sup>42</sup>, uma das principais tarefas da educação sexual seria substituir a atitude de curiosidade pelas coisas do sexo por uma atitude nova, de respeito e de inteligência. Portanto, o estudo da Educação Sexual consiste em trabalhar com as crianças e os jovens, afim de proporcionar um maior entendimento sobre sexualidade e os papéis sócio-sexuais, fornecendo informações, desconstruindo estereótipos principalmente sobre a orientação sexual, como heterossexualidade, homossexualidade e bissexualidade, trabalhando com preconceitos, sejam eles sobre o aborto, a homossexualidade, a masturbação, o machismo e entre tantos outros que permeiam nossa sociedade, além dos conflitos que nos fazem seres humanos, ou seja, as angústias, confusões, dúvidas, medos, etc.

Segundo a teórica Figueiró, defini-se a Educação Sexual:

[...] como sendo toda a ação ensino-aprendizagem sobre a sexualidade humana, seja no nível do conhecimento de informações básicas, seja no nível do conhecimento e ou discussões e reflexões sobre valores, normas, sentimentos, emoções e atitudes relacionados à vida sexual<sup>43</sup>.

Já a autora Guacira Lopes Louro, em sua fala, aborda um dos principais motivos pelos quais a educação sexual deveria ser tratada como direito a todos:

---

<sup>42</sup> VASCONCELOS, Naumi de. **Amor e Sexo na Adolescência**. 12 ed. – São Paulo: Polêmica. 1985. passim.

<sup>43</sup> FIGUEIRÓ, Mary Neide Damicó. **Educação Sexual: Retomando uma proposta, um desafio**. Londrina: Ed. UEL. 2001. p. 17.

[...] Isso implica, portanto, analisar os processos, as estratégias e as práticas sociais e culturais que produzem e/ ou educam indivíduos como mulheres e homens de determinados tipos, sobretudo se quisermos investir em possibilidades de propor intervenções que permitam modificar, minimizar, as relações de poder de gênero vigentes na sociedade em que vivemos <sup>44</sup>.

A denominação aqui utilizada como “Educação Sexual” também pode ser encontrada algumas vezes como “Orientação Sexual”, que é o caso dos Parâmetros Curriculares Nacionais, alguns artigos e trabalhos científicos. Porém seguindo os conceitos de alguns teóricos da área da sexualidade como a Mary Neide Damico Figueiró, José Garcia Werebe e Maria Amélia Azevedo, trabalho neste projeto com a terminologia “Educação Sexual” por concordar, aceitar e vestir o conceito, que seu uso seja mais adequado, na medida em que coloca o aluno como sujeito ativo e participativo desse processo da construção da aprendizagem, dos problemas e aprofundamento sobre o tema e não apenas mero receptor passivo dos conhecimentos e informações transmitidas, uma vez que, não estamos orientando-o sobre o que é certo ou errado, mas sim construindo conhecimento acerca do assunto, juntos, numa troca de experiência, respeitando e compreendendo as vivências de cada um, na permissão de que refletir sobre preconceitos, gêneros e sexualidade, simboliza refletir sobre nós mesmos.

Entretanto é importante que se faça distinção entre fatos, crenças e opiniões, onde cabe o educador indicar estas distinções, principalmente, discutindo, as normas sexuais vigentes na sociedade em que vivem, contudo, nas intervenções de educação sexual deve-se respeitar o direito à palavra e para isso é preciso criar condições para que as crianças e jovens possam exprimir suas dúvidas, inquietações, curiosidades a respeito da sexualidade em geral, e de sua própria sexualidade, em particular.

A idéia central seria de que não se pode dissociar a educação da informação, sendo impossível delimitar as fronteiras entre as duas ações: a informação sexual não é neutra, na medida em que constitui um processo de influência social que se estabelece nas relações entre o educador e o educando.

Na medida em que oferecemos aos jovens a oportunidade de terem a consciência da historicidade de sua própria vida e de relacioná-las com a historicidade de sua sociedade, estaremos propiciando o desenvolvimento de estruturas mentais e atitudes múltiplas, construídas nas relações entre os homens e mulheres que vão formando sua

---

<sup>44</sup> LOURO, Guacira Lopes. Currículo, gênero e sexualidade: O “normal”, “diferente” e o “excêntrico”. In: \_\_\_\_\_. (Org.). Op. Cit. 2003. p. 19.

identidade, que narram as diferentes experiências de luta, de dominação, de transgressão e de sobrevivência.

Por isso, a importância de dar aos jovens a oportunidade de se repensar os papéis-sociais do gênero, que foram construídos ao longo dos tempos, por outros sujeitos, inseridos em outras vivências e mentalidades, mas que continuam a ser vivido e refletido pelos homens em seu cotidiano.

Segundo a historiadora Lana Mara de Castro Siman, o educador deve cada vez mais buscar o entendimento sobre o mundo histórico-social, como estratégia de ensino. Portanto, torna-se necessário a partir das próprias vivências das crianças e jovens, a tomada de consciência de uma existência da memória social da sociedade onde esta inserida, buscando assim, as relações desta em outros tempos e lugares.

[...] O tempo histórico requer um sentido de existência do passado, bem como o do presente; requer um sentimento de pertencer, de estar dentro da história. Ao se tomar contato com a memória do grupo de referência familiar – que traz em si a vivência experienciada em outras épocas – as crianças são, então, impulsionadas a sair do pensamento de seu próprio tempo para pensar outros tempos, estabelecendo semelhanças e diferenças e, a partir daí, reconhecendo transformações e permanências <sup>45</sup>.

O tempo histórico é produto das ações, relações e forma de pensar dos homens e essas ações variam ao longo do tempo cronológico. Em cada tempo histórico – ou em cada presente – coexistem relações de continuidade e de rupturas com o passado, bem como perspectivas diferenciadas do futuro. Com isso a Educação sexual, também deve ser pensada como uma das estratégias de ensino para se pensar historicamente os valores sócio-culturais, que foram sendo agregados aos papéis sexuais e sociais. Assim, segundo Simon, seria uma condição para a autonomia e emancipação dos sujeitos face às manipulações; condição para o engajamento social e político e, portanto, condição necessária para abertura ao outro, ao diferente de nós, em diferentes tempos e espaços históricos.

Já a terminologia “Orientação Sexual” seria para designar a sua vivência sexual, ou seja, heterossexual, homossexual e bissexual.

---

<sup>45</sup> SIMAN, Lana Mara de Castro. **A Temporalidade Histórica como Categoria Científica do Pensamento Histórico: Desafios Para o Ensino e Aprendizagem**. Campinas: Ed. Alínea. 2003. p. 125.

A autora Werebe <sup>46</sup> ainda explica que acerca da terminologia Educação Sexual ainda podemos encontrar duas vertentes para a sua prática: a informal e a educação formal. No caso da Educação Sexual Informal, seria aquela, em que todos nós, indiretamente e na maioria das vezes inconscientemente, de maneira não intencional, lidamos com os temas e situações cotidianas referentes à sexualidade. Como por exemplo, quando os pais e professores fogem das perguntas feitas por crianças e jovens sobre sexo, as mudanças fisiológicas de seu corpo, contraceptivos, como a famosa pergunta e resposta “Mãe, o que é camisinha? É uma camisa pequena, filho”, a masturbação, ou seja, pequenas dúvidas, sentimentos e descobertas que envolvem esse imenso mundo de descobertas.

Outra situação comum, é quando os pais trocam rapidamente o canal da televisão quando inicia uma cena de sexo, seja em filme ou em novela, ou então no ambiente escolar, quando a professora se depara com piadinhas entre seus alunos envolvendo questões sexuais ou preconceitos referente à gênero e até mesmo situações como desenhos dos órgãos genitais na lousa, carteiras e cadeiras da sala de aula, com único intuito de chocar. Essas pequenas situações rotineiras, como uma troca de olhar “repressor”, gestos corporais, tom de voz, presença do nervosismo, silêncio prolongado, respostas que censuram a criança, criam a partir daí, conceitos sobre a sexualidade envoltos sobre tabus, sobre medo de perguntar, questionar ou ter um diálogo aberto na escola ou em casa, porque automaticamente as crianças e os jovens já entenderam a sexualidade como algo ruim e vergonhoso. Deixando assim de aproveitar esses momentos como oportunidades para se conversar, explicar e ensinar, sobre esse mundo que o jovem está conhecendo.

Já a Educação Sexual Formal seria aquela que o educador, em suas aulas, de maneira planejada, simples e objetiva, se dispõe a explicar sobre a sexualidade com a criança e ou adolescente. Como nos coloca Werebe sobre as duas vertentes da prática da educação sexual:

A educação sexual informal, processo global, não intencional, que engloba toda a ação exercida sobre o indivíduo, no seu cotidiano, desde o nascimento, com repercussão direta ou indireta sobre sua vida sexual; A Educação Formal, deliberada, institucionalizada, feito dentro ou fora da escola <sup>47</sup>.

---

<sup>46</sup> WEREBE, Maria José Garcia. Op. Cit. p. 155-156.

<sup>47</sup> WEREBE, Maria José Garcia. **Nome do livro**. Cidade: Editora, 1981, p. 106.

Inseridos culturalmente no contexto social, temos uma série de preconceitos, idéias e sentimentos, às vezes contraditórios, mas negativos em relação à sexualidade. Por isso, encontra-se a importância da presença de uma educação sexual no ambiente escolar, uma vez que o intuito não é designar o certo ou errado nas relações de gênero e sexualidade, mas sim trabalhando com estes temas decorreríamos expressões de sentimentos, atitudes e formação de valores morais, trabalhando o relacionamento humano e aprimorando as relações interpessoais:

[...] o ensino de sexualidade deve abranger o respeito à diversidade, isto é, o respeito aos homossexuais, às prostitutas e às pessoas portadoras do vírus da Aids. Assim, o trabalho em Educação Sexual abre-nos para repensar nossas atitudes em relação às pessoas que fazem parte das minorias [...] <sup>48</sup>.

Aqui a idéia é de criar oportunidades de reflexão, espaço para os alunos discutirem entre si, com a finalidade de formarem opiniões sobre os mais diversos assuntos, como aborto, homossexualidade, masturbação, sexo e etc. O papel do educador é possibilitar uma desconstrução dos papéis sócio-culturais, rígidos e repressores, para assim perceberem a sexualidade construída histórica e culturalmente, onde os alunos possam se ver como agentes ativos dessas mudanças, não só sociais, mas também podendo vivenciar a sexualidade dentro da sua multiplicidade.

A sexualidade gera nos alunos grande variedade de sentimentos, sensações e dúvidas. Suas manifestações são espontâneas, acontecem inevitavelmente e os professores precisam estar preparados para lidar com elas. Por isso, ser relevante “[...] desenvolver no educador um olhar para a sala de aula, de modo a perceber nela o que ocorre de forma clara e o de forma não clara, porque a sexualidade esta presente em nossas vidas, muitas vezes, de forma tão explícita [...]” <sup>49</sup>.

Criar espaços para reflexão e debate, justamente dessas questões, sem personalizá-las, é o que pode ajudar os jovens a passar por essa fase com menos angústias e turbulências, e sem uma postura protetora e repressora ou transformar a sexualidade em expressão de rebeldia.

A educação sexual tem sido incluída em programas de educação em matéria de controle de população e para a vida familiar, envolto basicamente de assuntos como gravidez e DSTs/Aids, o que é muito restritivo em relação às necessidades e problemas

---

<sup>48</sup> FIGUEIRÓ, Mary Neide Damicó. Op. Cit. 2003. p. 2.

<sup>49</sup> SILVA, Nome completo. **Nome do Livro**. Cidade: Editora. 2002, p 34.

das crianças e jovens em matéria de sexualidade. Esses programas, na maioria das vezes apenas palestras contratadas pela escola, não levam em conta a realidade da vida sexual dos jovens, não fornecem a informação nem a experiência educativa necessária para reagir positivamente aos verdadeiros problemas que enfrentam. Outro ponto relevante é que os alunos se envolvem pouco quando a aula se restringe apenas em ser informativa e dogmática, referindo-se somente à concepção e reprodução, deixando de abordar outras questões, como é muito presente principalmente nas aulas de ciência e biologia.

Mary Neide Figueiró <sup>50</sup>, em seu artigo, cita alguns recursos didáticos como músicas, filmes, programas, cenas de novela, livros de literatura, pesquisas, manchetes de jornais e revistas, recortes, desenho, dramatização e debates como táticas de ensino-aprendizagem na educação sexual. Cabe ressaltar que o aluno por ser um sujeito ativo desse processo, deve perceber então a importância de dar-lhe espaço para a possibilidade de buscar idéias e informações como forma de complementação do aprendizado que ocorre no ambiente escolar.

A autora afirma um cuidado especial no ensino de sexualidade, que é a necessidade de recapitulação e de retomada de conteúdos que já foram trabalhados. Os alunos possuem o direito de ter a oportunidade de ver, rever, discutir e rediscutir um tema, já que educar-se sexualmente é um longo processo, ou seja, dar espaço aos jovens de falarem, questionarem, opinarem, no intuito de ouvi-los e construir um diálogo com naturalidade.

Considerando que estes jovens possuem diversos tipos de informações corretas, incompletas ou falsas sobre muitas questões, a atitude pedagógica mais adequada é a de verificar o que sabem e ajustar as informações à idade e ao nível de maturidade. Interessante, ao pensar na pedagogia da educação sexual, não haver a separação dos alunos por sexo, pois estaríamos implicando numa tomada de posição discriminatória.

Maria José Garcia Werebe, em seu livro “Sexualidade, Política e Educação”, fará ainda algumas referências históricas quanto aos estudos ligados à sexualidade, que iniciam-se principalmente no século XVIII, com médicos, filósofos, educadores e políticos se posicionando com uma pedagogia repressora envoltos por uma educação “anti-sexual”, por medo de comportamentos sexuais considerados inadequados ou perigosos, com a finalidade de reafirmar os papéis de gênero e práticas sexuais. Já nos fins do século XIX, esta educação deveria visar uma planificação familiar e à

---

<sup>50</sup> FIGUEIRÓ, Mary Neide Damico. Op. Cit. 2003. passim.



maternidade de maneira a controlar a natalidade, além de argumentações efetivas contra a masturbação, como por exemplo, que esta causaria infertilidade ou poderia levar a loucura, contra as relações sexuais fora do casamento e as moléstias venéreas transmissíveis. Por fim, já no século XX, junto ao movimento feminista, iniciam-se debates em torno do uso da contracepção e do aborto, além de questões referentes a sífilis que foi muito dissimulada nas primeiras décadas desse século.

No Brasil, durante a ditadura militar, no final da década de sessenta, observou-se um recuo quanto à educação sexual, uma vez que o Congresso Nacional, aprovou um decreto que estipulava aos poderes públicos a tarefa de assegurar a proteção dos valores éticos indispensáveis a boa formação moral da juventude brasileira.

No final da década de 1980, diante das conseqüências negativas das experiências sexuais dos adolescentes, sobretudo com a gravidez precoce, o vírus HIV e o aparecimento e expansão da AIDS, reforçou-se a necessidade de se instituir a educação sexual, em particular nas escolas, acreditando que as crianças e adolescentes que aprenderem a viver a sexualidade de maneira positiva, com prazer e satisfação, integrando-o harmoniosamente na personalidade, desenvolvendo comportamentos afetivos e sexuais responsáveis, saberão adotar as condutas “adequadas” em relação a sua sexualidade, fecundidade, proteção e doenças sexualmente transmissíveis.

A escola é sem dúvida um lugar privilegiado para a instituição de intervenções regulares de educação sexual, pois será nela que podemos encontrar juntos, desde a infância até a adolescência, crianças e adolescentes concentrados em grandes números para assim desenvolver uma educação sexual formal, porém aos jovens tem se negado e reprimido seus sentimentos e seus direitos a informação sobre o seu corpo, seu prazer e seu desenvolvimento. Em troca, lhes tem sido dado desinformação, proibições e tabus que provocam neles dúvidas temores sobre sua própria sexualidade.

Já ao imaginarmos sobre os alunos, busca-se entender que aceitação da educação sexual dependerá da maneira como ela será apresentada. Se estes sentem que não serão forçados a tomar parte nos debates, se não desejarem, e que suas resistências ou timidez serão respeitadas, certamente não se recusarão a participar das intervenções. E outro ponto, seria sobre o clima instaurado nas sessões, que poderá justamente romper, sem forçá-los, suas resistências e leva-los a ter uma participação positiva e satisfatória.

Já em relação ao conteúdo a ser trabalhado da Educação Sexual, o melhor critério é trabalhar o interesse atual, presente no cotidiano da vida dos alunos, como as mudanças no seu próprio corpo, suas sensações, necessidades e sobre suas relações com

os pais, pares e mundo ao redor, não necessariamente os problemas que eles encontrarão, eventualmente, no futuro. Em geral, os adolescentes, discutem sobre as relações de amizades, amorosas e sexuais, incluindo debates sobre as diferentes práticas e permissividades sexuais, as relações sexuais orais, anais, contracepção, homossexualidade, bissexualidade, aborto, etc. Como indica Werebe, o importante aqui, é oferecer elementos e conhecimentos necessários para que compreendam sua própria sexualidade, desenvolvendo uma sensibilidade ao olhar o “outro”, e que possam vivê-la sem medo e culpabilidade e que tomem consciência das implicações de seus comportamentos sexuais e sociais. Enfim, todos os discursos e medidas de repressão só servem para culpabilizar as crianças e jovens e levá-los a viver sua sexualidade na clandestinidade e continuarem a serem reflexos da hierarquia de poderes nas relações interpessoais entre os gêneros, marginalizando o que não é “adequado” ou “normal” para e na sociedade onde estão inseridos.

As ações educativas continuadas oferecem possibilidades de elaboração das informações recebidas e de discussão dos obstáculos emocionais e culturais que impedem a adoção de condutas preventivas, autônomas e reflexivas. O educador que se pode fazer de grande referência ao aluno, é necessário obter um maior distanciamento de opiniões e aspectos pessoais, sem esquecer de que é fundamental nesse trabalho o estabelecimento de confiança entre alunos e professores.

A idéia aqui apresentada, é que todo professor, de qualquer disciplina pode ser um educador sexual, e dentro do ensino de História, é interessante perceber novas interpretações e compreensões de temas e processos históricos por parte dos professores e da instituição escolar. Isso seria pensar em um conjunto de questões que possam se instituir em novos objetos de investigação, como o caso da sexualidade. Segundo a teórica Lana Mara de Castro Siman, o entendimento por parte dos professores, dos conhecimentos históricos que nutrem as representações e identidades coletivas, nos remetem à necessidade de uma leitura e do uso crítico dos materiais didáticos, possibilitando um rompimento com esquemas binários, como por exemplo, dominante X dominado, para ceder lugar a compreensões mais próximas do que foram e têm sido as relações sociais entre os sujeitos, classes, grupos e culturas.

Já o autor Elison Antonio Paim<sup>51</sup>, nos diz que o fazer-se professor, esta também na construção e interação com o aluno que, no diálogo constante, promove o

---

<sup>51</sup> PAIM, Elison Antonio. Do formar ao fazer-se professor. In: MONTEIRO, Ana Maria (Org.). **Ensino de História – sujeitos, saberes e práticas**. Rio de Janeiro: Ed. Mauad/Faperj. 2007. p. 166.

crescimento profissional do professor. Além de que na perspectiva do professor como produtor de conhecimento, esta sendo produto de uma ação compartilhada, em que, através do outro, as relações entre sujeito – professor – objeto de conhecimento se estabelecem. Por isso, segundo o autor, faz-se necessário pensar o ato educacional como um campo de possibilidades, com uma história aberta, por se fazer, e não algo pronto, fechado, determinado, que o professor fala, expõe e os alunos ouvem e repetem.

Na relação escola-família, a primeira deverá informar os familiares dos alunos sobre as atividades propostas e explicar os princípios que norteiam esse trabalho, assim possibilitando a troca de idéias entre a escola e as famílias, uma vez que, o apoio da última aos trabalhos desenvolvidos é um aliado importante para o êxito da Educação Sexual. Para isso, as reuniões com os pais têm que ser um lugar para potencializar espaços.

Diferentes famílias constroem suas histórias e desenvolvem crenças e valores certamente muito diversos, embora recebam influências sociais semelhantes, aprender a compreender e respeitar essa diversidade e dialogar com ela enriquece a comunidade escolar e favorece o desenvolvimento de uma visão crítica por parte dos alunos. O papel da escola é abrir espaço para que a pluralidade de concepções, valores e crenças sobre sexualidade possam se expressar.

Finalizando, insisto na necessidade de uma educação sexual com um caráter contínuo no espaço escolar, como esclarece Jimena Furlani, em seu artigo “Educação sexual: Possibilidades Didáticas”:

A educação sexual [...] Uma continuidade baseada em princípios claros de um processo permanente – porque o bombardeamento midiático de informações recebidas por crianças e jovens é permanente... porque as situações de exclusão social, decorrentes do sexismo e da homofobia, são constantes... porque as representações hegemônicas que hierarquizam as diferenças estão permanentemente sendo fixadas mesmo com permanentes resistências... porque a subjetivação da sexualidade (que talvez tenha um papel maior do que, até então, temos considerado nessa dinâmica de mudança comportamental) está sendo permanentemente posta em questão pelos aparatos discursivos de uma cultura e precisa ter o contraponto reflexivo de uma educação sexual sistemática, corajosa, honesta e politicamente interessada com a crítica desses

modelos de desigualdade sexual, de gênero, de etnia, de raça, de geração, de classe, de religião [...] <sup>52</sup>

Por fim, a esses jovens e educadores cabem perceber na criação humana os sentidos que são colocados dentro de vivências que compõem a dimensão da sexualidade, incluindo as relações de gênero. De maneira a afinar as sensibilidades, desconstruindo conceitos e idéias, para que seja possível a vivência e compreensão de si e do outro.

---

<sup>52</sup> FURLANI, Jimena. Educação sexual: Possibilidades didáticas. In: LOURO, Guacira Lopes (Org). 2003. p. 68.

## **CAPÍTULO III**

### **GÊNERO E SEXUALIDADE NA VIVÊNCIA DO JOVEM**

### **3.1 – O Fazer-se Jovem na Contemporaneidade: Espelhos da Sociedade.**

Pensar na incompletude do ser humano e no seu eterno fazer-se.

(Elison Antonio Paim)

O ser humano possui a capacidade de ser moldado pela relação com o outro, com a sua própria história e com a cultura. Assim, desde seu nascimento, o sujeito irá se constituir a partir daquilo que experimenta enquanto vivências reais, imaginárias e simbólicas.

O objetivo de nossa discussão aqui é explicar, porque foram selecionados alunos de primeiro ano do ensino médio, entre 14 e 15 anos, como base de nossa investigação histórica acerca do fazer-se jovem no âmbito escolar. Proponho analisarmos essa fase tão marcante na vida do ser humano, que carregará marcas, idéias e vivências ao longo de toda vida, e partindo disso, como estes jovens refletem as idéias sobre sexualidade e relações entre os gêneros como marcas da mentalidade, de ruptura e ou continuidade desta geração.

O ato de adolecer, ou seja, fazer-se jovem na contemporaneidade, inicia-se a partir do referencial cronológico da Organização Mundial da Saúde, que vai do período da vida dos 10 anos até os 19 anos. Segundo Wagner Ranña, nessa fase ocorrem pelo menos três fenômenos importantes do desenvolvimento humano: do ponto de vista biológico, a puberdade, onde ocorre o amadurecimento sexual e reprodutor; do ponto de vista social a passagem da infância para a vida adulta, com a assunção dos papéis sociais e a busca por sua autonomia; e do ponto de vista psicológico, a estruturação e busca de uma identidade <sup>53</sup>.

A puberdade, como já citado pelo autor Ranña, inicia-se para os garotos entre os 11 e os 13 anos, com o aumento dos testículos e o alongamento e descida do saco-escrotal. O aumento do testículo reflete a produção de espermatozóides e testosterona, assim como também o aparecimento dos pêlos na região pubiana, no rosto e também nas axilas. Já nas garotas, essas mudanças biológicas para seu amadurecimento sexual, surgem entre os 10 e 12 anos, com o aumento dos mamilos e do volume dos seios,

---

<sup>53</sup> RANÑA, Wagner. Os desafios da adolescência. In: Revista Mente e Cérebro. Edição. 55, dez. – 2005. retirado do site: [www.vivermentecerebro.com.br](http://www.vivermentecerebro.com.br) acessado em 14 de fevereiro de 2006 às 11 hs.

aparecimento dos pêlos pubianos e nas axilas, e a primeira menstruação (podendo variar de garota para garota a idade da primeira menstruação, conhecida como menarca, mas geralmente um pouco antes dos 14 anos), indicando que a garota já produz óvulos e pode engravidar. Segundo o sociólogo Juan José Meré Rouco:

Certamente a adolescência, trata-se de um processo de desenvolvimento e maturação sexual, palpável na aparição de novas sensações genitais, visível na irrupção das marcas anatômicas e fisiológicas distintas desse corpo sexuado que está adotando seus caracteres definitivos<sup>54</sup>.

Interessante pensarmos, que durante toda a adolescência, estamos nos capacitando intelectualmente para o grande “vestibular”, e estamos ativamente presente na sociedade, trabalhando, estudando, ou seja, produzindo. Na busca por um papel social, a escolha de uma carreira é muito importante para esse caminho, mas a organização dos vestibulares por carreiras antecipa e dificulta muito a escolha. Além de estarmos nos preparando biologicamente para termos uma vida sexual ativa, mas que a sociedade acredita não ser propício, julgando a construção da sexualidade do adolescente como promíscua, inconstante, vulgar e irresponsável. Pais e professores agem como se tivessem esquecido, o que é viver o primeiro amor nessa fase, de se ter ídolos e rodas de amigos. Esquecem da necessidade de se buscar outros referenciais, para seguir o processo de construção de uma identidade.

Por isso, essa fase pode ser marcada por grandes frustrações, angústias, medos e dúvidas. Mas também de grandes descobertas, de atrações, sentimentos a flor da pele e sensibilidade. Essa busca por identidade, nesse cenário de instabilidade é relatada pela autora Roseane Tavares:

É o momento dos segredos, da recepção dos amigos longe da presença da família, da contestação dos pais e da sociedade, das discussões acaloradas, da música tocando o dia todo, da apatia, do culto aos ídolos, dos acessos de fúria ao menor sinal de desagrado, da busca por uma ideologia, enfim, de referências, transitórias ou não de sua identidade<sup>55</sup>.

---

<sup>54</sup> ROUCO, Juan José Meré. A construção da sexualidade do adolescente: Aspectos sociais e culturais. In: RIBEIRO, Marcos (Org.). **O Prazer e o Pensar**. Vol.1. São Paulo: Editora Gente. 1999. p. 94.

<sup>55</sup> TAVARES, Roseane Moreto. A construção da sexualidade do adolescente: Aspectos Psicológicos. In: RIBEIRO, Marcos (Org.). p. 90.

Os adolescentes são vítimas e também agentes desse cenário frente à relação entre gênero e sexualidade. Vítimas, porque refletem e reproduzem na maioria das vezes, o conservadorismo de uma cultura frente a esses temas, perpassando sobre o ser humano e sendo reforçada, reproduzida, pela família, religião e pela própria escola, dado às normas e regras que cada sociedade cria, formulando assim parâmetros para o comportamento sexual dos indivíduos e suas relações inter-pessoais.

Segundo o sociólogo Rouco, as condições de vida específicas de cada adolescente, seu lugar de moradia, estrutura e dinâmica de sua família de origem, as características do acesso à escola ou aos serviços de saúde, as modalidades de lazeres mais usuais em seu contexto sociocultural, entre outros fatores, formam a diferenciação entre os Jovens. Rouco ainda nos diz, que a incorporação de pautas culturais, ou seja, gostos, opções, estilos de vida, modalidades de relacionamento, valores, representações, referências simbólicas e preconceitos, tornaram-se para os jovens, modos de ser, sentir e pensar que modelaram comportamentos, gestos ou atitudes e lhes darão principalmente sentidos.

Ainda, segundo esse autor, nessa trama complexa e múltipla que se desenvolveram a dinâmica das vivências para esses adolescentes, formaram a incorporação dos modelos de masculinidade e feminilidade. Nesse contexto irão se forjar as relações sociais entre os sexos – as relações de gênero – que vão dar forma e significar as práticas de cada um como homem ou mulher, suas interações sexuais, suas idéias e representações sobre sexualidade e identidade sexual:

Através de gestos, olhares e o cotidiano [...] cada criança e adolescente vão registrando atitudes e palavras, lugares e existências, posturas e possibilidades – de ser mãe e pai, tio ou irmã, de ser ele ou ela. Assim, as pautas socioculturais, distintas e distintivas, reconhecidas ou brutalmente desconhecidas, vão transformando, imperceptivelmente, a diferença anatômica – o sexo – em desigualdade social – o gênero – como um fenômeno natural, evidente, quase inquestionável [...]<sup>56</sup>

Portanto, será através dessa subjetividade na construção das maneiras de pensar, sentir e atuar, justificando-se e reproduzindo-se, que preconceitos favoráveis ao

---

<sup>56</sup> ROUCO, Juan José Meré. In: RIBEIRO, Marcos (Org.). p. 97.



masculino e desfavoráveis ao feminino, irá se manter e reforçar a realidade desigual entre os gêneros. Na dimensão da vivência sexual, o preconceito revela-se fortemente, quando a menina carrega consigo, por exemplo, a camisinha, o contraceptivo mais utilizado entre os jovens. Para ela, essa atitude estará envolta de adjetivos como “garota fácil”, inadequada à postura de meninas, como se fosse motivos de duvidar de sua “honra”. E se ainda exigir esse contraceptivo para o namorado, estará levantando contra ela, a possibilidade de perder o namorado ou parceiro, por o garoto entender que ela pode estar duvidando de sua “fidelidade”, “confiança” e “amor”.

Assim, concluímos que a sexualidade e as relações de gênero, são práticas sociais juvenis através de construções sociais, difundida e apreendida por meio de nossa cultura, orientando nosso imaginário e nossos comportamentos, estando intrinsecamente relacionadas com as múltiplas dimensões simbólicas e estruturais de dada sociedade.

Também creio ser muito interessante o conceito de “adolescência” para esse autor, Rouco nos coloca a possibilidade de o jovem vivenciar não uma adolescência, mas sim “adolescências”, já que esse grupo etário específico configura-se numa realidade fragmentada, plural e heterogênea, fruto das desigualdades sociais existentes, definindo a partir das diferentes e diversas formas de se viver a cotidianidade, dentro de seu grupo, referencial. Como, por exemplo, ter a possibilidade de estar numa “tribo” hoje, e amanhã ser participante de outra, de ter a possibilidade de vivenciar uma relação homossexual, e nem por isso, ser homossexual para o resto de sua vida. São atitudes transitórias, pertinentes de experiências, devido uma transição de dependência para a independência, perdas e novas aquisições, tratando-se de um processo de aprendizagem e de também transmissão de conhecimento.

Por fim, o jovem em si, ainda traz consigo o espelho da sociedade vigente, especialmente no recorte desse trabalho, que é a dimensão social das práticas sexuais que se moldam e se transformam ao longo da história, enfrentando a normalização de comportamentos e preconceitos, desde o simples “ficar”, até questões como “a primeira vez”, “homossexualidade”, “bissexualidade”, entre outros que permeiam esse universo juvenil.

### **3.2 – O Olhar Adolescente: Análise Documental**

Esta pesquisa foi realizada através de um questionário, como forma de coleta de dados, com caráter exploratório acerca do tema, aplicado em três primeiros anos do

ensino Médio, do Colégio José Aluisio Aragão, que é o Colégio de Aplicação das licenciaturas da Universidade Estadual de Londrina, no Paraná, durante o ano letivo de 2008. Este colégio é uma instituição pública na zona central da cidade, e o público atendido pertence basicamente à classe média.

O principal objetivo desse questionário é perceber como ocorreu e ocorre a construção da sexualidade e relações de gêneros entre esses jovens, no âmbito escolar e conseqüentemente social, através das relações inter-pessoais, como eles a percebem e se a percebem.

O questionário constitui-se de um total de 13 questões, sendo divididos basicamente em três partes. Nas 4 primeiras questões, fizemos questões que tencionam mapear e fazer uma caracterização do perfil sócio cultural do aluno, como idade, religião, renda familiar, se o adolescente vive com pai e mãe, se tem irmãos e quantos (aqui essa pergunta torna-se interessante, porque caso tiverem irmãos mais velhos, possuem um referencial de comportamentos, gostos, maneiras, próprios das relações entre irmãos, que influência também na incorporação de modelos masculinos e femininos), e por fim, se os pais trabalham fora, onde eles costumam ir após as aulas (no intuito de saber se trabalham) e se vão para casa com quem costumam ficar ( como por exemplo, sozinhos, com avós e ou irmãos).

Já na segunda e terceira parte deste questionário as perguntas são voltadas para investigar sobre a vivência da sexualidade (aqui, esse termo está empregado na abrangência desta palavra, como explicado no primeiro capítulo) buscando perceber se já possuíram algum tipo de educação sexual (na escola, na família ou na igreja), se na suas casas eles possuem algum espaço para diálogos referente à sexualidade, quem é a pessoa que eles mais conversam sobre sexo, de onde eles recebem maiores informações sobre a sexualidade e qual a idade que eles acreditam ser ideal para começar a vida sexual.

No último momento, sobre as relações entre gênero, o questionário busca investigar se eles acreditam que ainda há discriminação contra as mulheres, se no âmbito escolar ou familiar, ainda existam brincadeiras só para meninos e outras só para as meninas, se na aula de educação física existam esportes que só os meninos devem praticar, incluindo se essas aulas deveriam ser mistas ou separadas e por fim, se no grupinho deles, entre amigos, existam mais meninas ou meninos.

De um total de 65 questionários respondidos, 28 foram de meninos, 34 de meninas e 3 preferiram não se identificar (nem com o nome e nem com o sexo). Entre

os questionários das meninas, a faixa etária predominante está entre 14 e 15 anos, com 62% com 15 anos; 20% com 14 anos; 9% com 16 anos e 9% com 17 anos. Das 34 meninas, 4 somente informaram o sexo, mas não o nome.

Já entre os meninos, a faixa etária predominante foi de 15 anos, com 67% dos questionários; 11% de meninos com 14 anos, 11% com 16 anos e 11% com 17 anos. Dos 28 meninos, 7 informaram o sexo, mas não informaram o nome.

Considerando-se a importância de identificar o universo socioeconômico e cultural dos adolescentes, foi solicitado a eles alguns indicadores a respeito da renda de suas famílias. Segundo a Lei No. 15.826 - 01/05/2008, publicado no diário oficial da Assembléia Legislativa do Estado Paraná <sup>57</sup>, o piso mínimo salarial é de R\$ 547,80. Assim, dos 65 questionários, 12% a família vivia com de 1 a 5 salários mínimos (R\$ 547,80 até R\$ 2.739,00); 31% de 5 a 10 salários mínimos (aproximadamente de R\$ 2.739,00 até R\$ 5.478,00); 11% acima de dez salários mínimos (acima de R\$ 5.478,00 reais ao mês); 43% responderam que não sabiam e 3% preferiram não responder. Portanto, a maioria dos adolescentes provêm de famílias cuja faixa de renda, variam de R\$ 547,80 a R\$ 5.478,00 reais ao mês.

Quanto às ocupações dos pais desses adolescentes, 63% tanto o pai quanto a mãe trabalham fora de casa; 24,5% somente o pai trabalha fora, ou seja, a mãe pode não trabalhar ou trabalhar em casa, como percebemos nessas falas: *“Meu pai trabalha fora, depois da escola vou para casa e fico com minha mãe.”*, *“Meu pai trabalha fora, mas minha mãe não, vou para casa e fico com ela e com meu irmão”* ou *“Meu pai trabalha fora, minha mãe trabalha em casa, após as aulas vou para casa e fico com minha mãe.”*; 3% somente a mãe trabalha fora, assim o pai pode não estar empregado ou trabalhar em casa; 2% nenhum dos dois trabalham; e apenas 7,5% dos jovens trabalham no período pós aula, sendo em sua maioria, ajuda aos pais no trabalho da família, como por exemplo: *“Sim, geralmente ajudo meu pai na loja de eletrônico e as vezes vou para casa e fico sozinha”* ou *“Trabalham, depois das aulas vou ‘pra’ casa e dia de segunda eu fico segunda, os outros dias eu trabalho à tarde com meus pais.”*

Na análise dos questionários frente ao universo familiar, constatou-se que predominantemente os jovens vivem com seus respectivos pais biológicos (pai e mãe); 12% vivem somente com a mãe, como nas seguintes falas: *“Não, só com a minha mãe”*, *“Só com minha mãe, meu padrasto e meu irmão mais velho”* ou *“Não, só com*

---

<sup>57</sup> Retirado do site: [www.parana.pr.gov.br](http://www.parana.pr.gov.br). Acesso no dia: 17/11/2008, às 16: 24 horas.

*minha mãe, minha irmã e meu irmão*”; 3% vivem somente com o pai, *“Só com o meu pai, porque eles são separados, moramos eu, meus irmãos e meu pai.”* ou *“Não com minha mãe biológica, mas com minha madrasta, com meu pai e irmão.”* e 3% vivem com avós/tios, sem a presença dos pais, *“Com meus avós. Minha mãe está em Portugal e meu pai eu não conheço.”*

Dos 65 questionários, 85% dos adolescentes possuem irmãos e 15% são filhos únicos. Desses 85%, que referem-se à 55 adolescentes com irmãos, 35 deles possuem irmãos mais velhos; 83,5% têm de um a dois irmãos e 16,5% acima de três irmãos.

Outro aspecto da constituição familiar, diz respeito à religião, que é predominantemente composta por católicos e evangélicos, sendo que, 57% dos jovens se denominaram Católicos; 26% Evangélicos; 1,5% Testemunha de Jeová; 1,5% disseram não seguir doutrina nenhuma, respondendo apenas *“Não tenho”* e por fim, 14% não responderam a respeito de sua religião, no caso, ou não tendo ou optando por não revelar.

Portanto, o perfil socioeconômico da maioria desses jovens é de pais que trabalham fora, com um ou mais irmãos, com doutrina religiosa católica ou protestante e possuindo uma renda que pode variar entre R\$ 547,80 a R\$ 5.478,00 reais ao mês.

Já na análise envolvendo diretamente questões da temática proposta a ser trabalhada, iniciamos buscando saber se estes adolescentes já possuíram algum tipo de educação sexual formal, na escola, na família, ou em alguma outra instituição, como por exemplo, a religiosa, entendendo que se esse fato já tivesse ocorrido, eles responderiam as questões sem tanto constrangimento, com mais naturalidade ou com mais clareza a cerca do assunto e principalmente tentando identificar o que é para eles a educação sexual. Com isso, 57% dos adolescentes responderam que não tiveram nenhum tipo de educação sexual; 3% não souberam responder, identificados através do *“Não sei, acho que não”* ou *“Mais ou menos”* e 40% disseram ter tido educação sexual. O Interessante aqui é perceber que estes jovens, acreditam terem tido educação sexual, somente com algumas palestras disponibilizadas pela escola ou comunidade e principalmente as aulas de ciências, geralmente voltada a trabalhar a questão do aparelho reprodutor (somente com um caráter biológico), DSTs/AIDS e gravidez.

Como é visível em algumas falas: *“Mais durante a aula de biologia”*, *“A professora de ciências da sexta série falou o primeiro bimestre inteiro sobre doenças sexualmente transmissíveis.”*, *“Já tive na escola, mas era muito raramente”* ou *“Já tive, mas não com frequência”*. A idéia aqui colocada através das respostas dadas, como

alguns exemplos citados, é de que a educação sexual trabalhada com esses alunos foi de maneira informal, desarticulada, sem continuidade e sequer foi trabalhado com eles, a intenção daquela educação sexual proposta, o que realmente seria uma educação sexual, suas discussões e desdobramento. Porém, em alguns casos, como *“Sim, a família comenta e de vez em quando professores dão alguns exemplos”*, *“Minha mãe me dá muitos conselhos sobre isso”* ou *“Na família sim, mas na escola diretamente relacionada a educação sexual não”*, vemos que mesmo de maneira informal, fora do âmbito escolar e principalmente através de diálogos, conversas, trocas de informações, com uma certa “liberdade” de ouvir e falar, o jovem aprecia essa experiência, como educação sexual. O que nos faz pensar, que o próprio jovem apropria-se e reconhece a educação sexual como aquele espaço em que ele pode se expressar, ter um diálogo, através da abertura dos professores e / ou dos pais sobre o assunto.

Na seqüência, pergunta-se se há espaço para diálogos a respeito da sexualidade com a família, 28% falaram que não possuem diálogo algum em casa, enquanto 49% constataram que possuem esse espaço de conversa e 23% responderam que há diálogo, mas de maneira esporádica, como *“Muito raro”*, *“Meu pai não gosta muito”*, *“De vez em quando quando o assunto é solicitado ou discutido”*, *“Sim, há dialogo, mas não falamos muito disso, mais todos respeitam cada um.”*e também foi muito comum encontrar algumas respostas, como *“não é comum, mas tem”*, *“muito raro”* ou *“Não digo espaço para diálogos, mas de vez em quando a gente conversa sobre esse assunto, sendo por acaso as vezes por alguma coisa que está passando na TV”* . Os que responderam haver diálogo entre eles e seus pais, somaram-se *“Quando precisa falar, não tem problema nenhum em conversar sobre isso”*, *“Sim, na minha casa nós somos abertos para qualquer assunto”*, *“Sim, sempre houve”*, *“Sim, é um assunto muito discutido”*, ou nos casos mais das meninas, percebemos que estas procuram mais o semblante da mãe, como *“Com a minha avó e minha mãe sim, com os outros não.”*, *“Com minha mãe, sim”*. Já nos casos em que não há nenhum diálogo, os jovens colocam: *“Não, minha mãe tem um pensamento bem antigo”*, *“Nunca cheguei a entrar no assunto”*, *“Não falamos sobre isso”*, *“Nunca tive vontade de conversar sobre isso”*.

Inclusive chegamos a encontrar um caso, em que a falta total de diálogo e provavelmente uma educação informal, que já expressou o sexo como algo ruim e impuro, que deve sempre ser visto, sentindo e acompanhado por um sentimento de vergonha, é o caso deste jovem que ao responder sobre o diálogo familiar diz: *“Ainda bem que não”* e na próxima pergunta que seria qual a pessoa que você se sente menos

desconfortável para falar sobre sexo, declara: *“Não falo de sexo com ninguém a não ser em piadas com os amigos”*.

Nessa pergunta que seria sobre a pessoa que o jovem mais se sente à vontade para falar sobre sexo, a resposta foi predominantemente os amigos, devido a intimidade criada entre eles, como segredos, os gostos, a importância do sentimento de pertencimento por alguém que vá compreender você, como *“Minha melhor amiga, acho que é por ela ter a mesma idade que eu”*, *“Amigos, pois é um assunto mais fácil e menos constrangedor de conversar com os amigos”*, *“Um amigo”*, *“Minhas amigas, porque com minha mãe não dá para conversar sobre esse assunto, já minhas amigas é um papo mais aberto, sem vergonha”*, e até mesmo por essa questão de proximidade de idade, acreditar que estão passando pelas mesmas descobertas e situações, muitas vezes a conversa dentro da família, resume-se somente entre os primos e irmãos, *“Minhas primas, por serem da mesma idade”*, *“Com minha mãe (me sinto desconfortável), não gosto, prefiro conversar com minha irmã”*, mas o curioso que muitos responderam não a pessoa que ele sente-se mais confortável e sim quem o deixa mais desconfortável e aí, a resposta predominou entre os pais (principalmente a figura do pai) e professores.

Essa pergunta foi uma das mais interessantes, por que além de se perceber como o sexo ainda é um tabu muito forte, mesmo na mentalidade e vivência do jovem percebemos também alguns preconceitos nas relações de gênero, principalmente entre a menina que não fala de maneira alguma com o pai sobre esse assunto, simplesmente porque ele é homem, assim muitas meninas responderam, *“Meu pai, como ele é homem acho que não entende muito, não tem o mesmo pensamento que eu”*, *“Meu pai, pelo respeito que eu tenho com a vida privada dele, pela questão dele ser separado”*, *“Meu pai, porque ele é homem e por isso, não me sinto a vontade de falar sobre isso com ele”* e *“Meu pai, porque tenho mais liberdade com minha mãe para falar desses assuntos”*, ou até é uma postura distanciada do próprio pai, quando nega-se a falar sobre isto com as filhas, por sentir-se desconfortável, *“Meu pai, ele não gosta de falar sobre estas coisas comigo”*, diz uma menina de 15 anos.

O fato de os adolescentes terem receio de conversar com os pais, ou os próprios pais não saberem lidar com essa temática, nos faz entender que o desconforto surgido nessa relação seria compreensível já que muitos desses pais não tiveram uma educação sexual aberta, com diálogos, reflexões, bombardeios na mídia através de programas e novelas, e até mesmo em canções, filmes, perpassando todo o cotidiano. Recebemos algumas respostas como, *“Meu pai e minha mãe é desconfortável, tem certas opiniões*

*deles que não batem com a minha”, “Meu pai, porque ele ia falar um monte pra mim”*  
*“Meu pai, ele me acha muito nova para isso”, “Com meus avós, porque quando*  
*estamos perguntando, fazem cara feia para responder tudo e dizem ‘você ainda não tem*  
*idade para saber disso””, “minha mãe, ela é sem cabeça”, “com minha família, pois*  
*pelo fato de nunca falarmos disso dá sempre um pouco de vergonha”, “com minha*  
*família, pois eu sinto vergonha”, “com minha mãe, porque é meio embaraçoso”,*  
através desses exemplos, percebemos que o sentimento de vergonha perpassa tão intrinsecamente a construção da sexualidade na vida do indivíduo, inclusive perpassando suas relações inter-pessoais, que trabalhar sua sexualidade ou simplesmente conversar sobre ela, traz consigo sentimentos de certo mal-estar, timidez, incerteza, se devem ou não perguntar, e terem receio por não saberem se os pais responderam ou não as suas perguntas e como reagiram a elas.

Porém, vemos alguns casos em que os jovens não conversam com a figura paterna, mas possuem liberdade e diálogo com a mãe. Ainda alguns jovens, acreditam que não devemos conversar isso com ninguém, por serem situações íntimas: *“desconforto com todos, por que sim, hoje em dia não se pode confiar em ninguém”*, diz uma jovem de 15 anos que ao falar sobre o desconforto, dá a sensação de que tem algum medo de sofrer alguma represália, se confiar em alguém e descobrirem. Outros jovens responderam simplesmente *“não falo sobre isso com ninguém”*, e *“Eu não falo sobre isso nem com a minha psicóloga”*, diz esse garoto de 15 anos. Preocupa-me ver como nossos jovens reprimem suas angústias, dúvidas, possuem medo de viver e falar sobre sua sexualidade, seus sentimentos, tudo o que está descobrindo. Falta-lhe a chance de perceber e compreender a sexualidade como algo inerente ao indivíduo, e que não há mal nenhum em conversar sobre isto com outras pessoas, inclusive sua psicóloga, amigos, ou, qualquer um que lhe traga confiança.

Ou ainda um garoto de 15 anos, que responde: *“Todos, porque odeio a ignorância da reação de tais (pessoas) ao começar um diálogo”*, o que dá para compreender aqui, que este jovem não aceita as reações de algumas pessoas, que possam ser mais agressivas, prepotentes e astutas ao iniciar algum diálogo referente à sexualidade, talvez porque esse jovem enxergue esse tema como algo natural e não como algo a ser destrutado, sendo um tabu, silenciado, e colocado sempre de maneira tão preconceituosa.

Por fim, encontramos em pouquíssimos, mas existentes, casos em que o adolescente vê a discussão referente à sexualidade, como algo natural hoje em dia, por

isso não acredita e não vê problema algum em se falar sobre isso, *“Minha mãe é bem compreensível”, “Converso abertamente com qualquer pessoa com que convivo, porque hoje considero um assunto muito normal”*, diz esse jovem de 15 anos que fez um curso no Sesc sobre Educação sexual. Outros dizem: *“É um assunto normal”, “Me sinto confortável para falar com qualquer pessoa, porque é um assunto comum hoje em dia”* e *“não (há desconforto), porque você não deve se reprimir”*.

Além de percebermos a importância das posturas dos professores, como já discutido no capítulo anterior, para que possam desenvolver junto aos seus alunos uma dinâmica educacional como um poderoso auxiliar na construção da cultura e do conhecimento sem barreiras, em vez de se mostrarem contra a temática da sexualidade no âmbito escolar, passando despercebidamente aos conflitos dos jovens, como percebemos nessa fala: *“Com alguns professores, desconforto, vergonha, falta de intimidade e compreensão da parte deles”*, diz essa jovem de 17 anos. Sim, os professores como seres humanos, têm o direito de não sentirem-se à vontade de trabalhar algumas questões que permeiam também, seus próprios valores e religiosidade, por isso a importância de a instituição escolar escolher o professor que queira fazer também esse papel de educador sexual. Mas como educadores, eles precisam ao menos buscar um entendimento do que é essa vivência, de descoberta e sentimentos, não acreditando que irão incentivar ao ato sexual, mas sim ajudando-os, sendo um dos alicerces, a passar por essa fase da vida.

Já na questão seguinte, que indaga de onde eles recebem maiores informações sobre a sexualidade, dos 65 questionários, 31 deles, ou seja, 47,5% responderam apenas uma das alternativas, que predomina os amigos, os diálogos e vivências entre eles, como uma das maiores fontes de troca de informações com 58%, a internet com 26%, a escola com 13% e a televisão com 3%. Ressaltamos que é importante essa busca por informações, mas devemos ser críticos quanto às mesmas, perguntando-nos se essas informações são satisfatórias, suficientes e chegam de maneira correta.

Já aqueles que responderam mais de uma alternativa, que corresponde a 52,5%, a análise foi predominantemente a televisão conjuntamente com os amigos, uma das maiores maneiras de os adolescentes obterem informação sobre sexualidade, a internet e a escola vêm em terceiro lugar.

Sobre a indagação que refere-se à idade ideal para iniciar a vida sexual, 43% determinaram uma idade de aproximadamente 17 anos para cima, como o momento “certo” para dar início a sua vida sexual. As justificativas surpreendem quando



percebemos que a maior preocupação do jovem é a gravidez indesejada, eles acreditam que sendo maiores de idade, poderiam trabalhar e sustentar a criança e no caso dos meninos, a criança e a namora, caso tivessem algum “acidente”, como vemos: *“Com 18 anos porque você já é maior de idade e já estará trabalhando e ganhando, caso surja frutos dessa relação”, “Só aos 18, porque já vamos ter responsabilidade”, “Aos 18, é quando a formação do corpo se completa”, “18, por causa da maioridade”, “18, porque já tenho mais responsabilidade”, “Acho que quando você tiver mais responsabilidade, uns 18 anos, está bom”, “17 anos, pois já somos mais maduros nessa idade”, “18 pois você já é responsável pelos seus atos”,* um garoto de 15 anos diz, *“18 anos, porque se faz filho, já está trabalhando para sustentar a criança”,* outro da mesma idade também, *“Dos 20 anos em diante, porque caso haja um imprevisto você já terá uma vida financeira estável”,* portanto, percebemos que os jovens estão preocupados em ter maturidade e principalmente responsabilidade para esse grande dilema da adolescência, têm a consciência da importância do ato sexual ocorrer no momento em que você esteja preparado fisicamente e psicologicamente, mas isso não significa que haja uma idade apropriada para isso, seguindo a linha desse pensamento, 37% dos adolescentes responderam que não há uma idade adequada e sim que vai depender muito do tipo de relacionamento, com quem está se relacionando e de pessoa para pessoa.

Assim podemos perceber em algumas falas: *“Acho que não tem uma idade certa, você tem que estar ciente e seguro do que estiver fazendo”, “Não sei, não existe uma idade específica, quando tiver que acontecer, acontece.”, “vai da mentalidade da pessoa”, “Não tem, por que depende da pessoa”,* uma garota de 14 anos responde: *“Na minha opinião não tem idade e sim o pensamento, do querer da pessoa”,* outra menina de 16 anos diz: *“A idade que a pessoa preferir, que ela achar que está pronta pra isso, e se cuidar, saber que o que acontecer, seja gravidez ou uma doença, ela vai ter que arcar com as conseqüências.”*

Por ser uma temática que envolve muito as questões religiosas, a primeira vez para as mulheres é ligada à idéia de pureza, sinal de ser uma moça de “família”, respeitosa. Para família, principalmente para o pai, a virgindade da menina é sinônimo de respeito e de honra, agora para os meninos, quanto antes começarem a se relacionarem e terem relações sexuais será melhor. Nos questionários 15,5% responderam que relação sexual só após o casamento, tendo como principal justificativa as questões religiosas de cada um, como: *“depois do casamento independente da*

idade”; uma garota evangélica de 17 anos responde: *“depois do casamento, sigo questões religiosas”*; assim como também um garoto evangélico de 15 anos: *“Depois de casar, porque na Bíblia fala que sexo antes do casamento é ‘prostituição’”*, nesse caso percebemos bem os valores e normas religiosas desse jovem. Outro menino de 16 anos diz: *“Depois do casamento porque a religião ensinou assim”*; ou *“Para mim, a vida sexual deve se iniciar após o casamento, pois é o correto [...]”*. Somente 4,5% dos adolescentes não se posicionaram a respeito, ou não respondendo a pergunta ou simplesmente respondendo que não sabiam.

Nas últimas questões, o questionário se coloca mais no intuito de instigar os adolescentes frente às relações de gênero, como é o caso da pergunta se eles crêem que ainda haja preconceito contra a mulher, 2% responderam que não sabiam; 72% responderam que sim, sendo que desse número, 61% eram meninas, 36% meninos e 3% não tinham nome e nem o sexo.

Aqueles que acreditam que ainda haja preconceito, justificaram em sua maioria que sim, mas não deram maiores desdobramento, ou *“Sim, apesar de termos conquistado bastante espaço na sociedade”*, *“Sim, principalmente no trânsito”*, coloca uma garota de 15 anos; *“Sim, pelo machismo que ainda existe”*, *“Sim, muitos homens só querem usar as mulheres, mas isso acontece só porque muitas delas dão tal liberdade”*, *“Se for em relação a pratica de atividades físicas consideradas ‘para meninos’, elas são sim, muito discriminadas”*. Um garoto de 15 anos diz: *“Sim, basta se ver nas cotas para vereadoras, cargos públicos, motoristas de empresas, frentistas”*.

Dos 65 questionários, 26% responderam que as mulheres já não sofrem mais nenhum preconceito: *“Não, isso é paranóia delas”*, *“Acredito que não, pois são hoje muito qualificadas”*, *“Não, pois hoje em dias as mulheres tem muitos direitos e estão cada vez mais sendo valorizadas”*, um garoto de 16 anos confessa: *“Não, elas estão até melhores que os homens em alguns trabalhos e coisas”*.

Na pergunta se ainda existem brincadeiras só para meninos e outras só para meninas, 49% responderam que sim, nesse valor os meninos são em maioria representando 50% das opiniões, reconhecendo o preconceito existente, contra 44% de meninas e 4% que não se identificaram como vemos em algumas falas: *“Depende da brincadeira, mas acho que sim”*, *“Sim, brincadeiras muito violentas, elas não são proibidas, depende da vontade de participar”*, *“Sim, por exemplo, quando o filho homem quer brincar de boneca e o pai impede temendo que ele vire gay”*, diz uma menina de 15 anos, quanta riqueza para ser trabalhada nessa frase, no sentido de

construções de estereótipos que cercam tão firmemente as relações entre os gêneros, desde pequenos. Esse exemplo, serve também dentro do âmbito escolar, quanto por exemplo, a menina se destaca em algum esporte dedicado só a “garotos”, logo já é taxada de vários apelidos acerca de sua própria sexualidade.

Já 51% das respostas diz que não, não há mais brincadeiras só para meninos e outras só para meninas: *“Não, porque todas brincadeiras devem ser para todos”, “Não, nunca existiu”, “Acredito que não, mas tudo depende da brincadeira” ou “Não, mas regras e algumas modificações sim”.*

Da mesma maneira ocorre em relação aos esportes, a grande maioria acredita que não existam atividades só para meninos ou meninas, porém todos eles frizam a diferença entre os sexos, simbolizando o uso da força, que podem machucar as meninas, aqui voltamos ao discurso do “eterno feminino”, como a mulher sendo frágil e delicada, que precisa ser cuidada. Essas idéias inclusive vêm das próprias meninas ao chamarem os garotos de brutos e violentos. Porém alguns defenderam a necessidade dos esportes na aula de educação física não separarem os meninos das meninas, pois *“deveria ser um jogo de todos, porque todos merecem aprender algo diferente.”.*

Por fim, através dos questionários aplicados a esses adolescentes, podemos perceber as contradições investidas nos discursos desses jovens, até porque de 65 adolescentes, todos possuem uma educação familiar diferente uns dos outros, possuem uma vida socioeconômica que também os diferem, fruto das desigualdades sociais, crenças, histórias, vivências que os fazem perceber o cotidiano ao seu redor, através de um olhar seletivo, ou seja, eles vêm da maneira como são condicionados a verem pelas instituições sociais. Porém, alguns que tiveram a oportunidade de serem incentivados a uma criticidade maior, seja através de diálogos familiares ou mesmo por algum professor, conseguem perceber a necessidade de mudanças. Constatamos aqui a importância da educação sexual, do educador presente de maneira efetiva na vida desses jovens, no exercício da libertação dos papéis sociais do feminino e masculino, expressa numa representação social como verdade, saber e conhecimento sexual, a fim de apagar o traçado e fronteiras entre os sexos.

Acreditamos ser extremamente necessário refletirmos sobre quem é nosso aluno, inclusive a respeito de questões de gênero e sexualidade. Como apontam Bill Green e Chris Bigun, está emergindo uma nova geração, com uma constituição radicalmente diferente. E, para esses autores, algumas questões devem ser investigadas como, por exemplo: estão as escolas lidando com estudantes que são fundamentalmente diferentes

dos/as de épocas anteriores? E têm as escolas e as autoridades educacionais desenvolvido currículos baseados em pressupostos essencialmente inadequados e mesmo obsoletos sobre a natureza dos/as estudantes? Para os autores, necessário se faz compreender a emergência de um novo tipo de estudante, com novas necessidades e novas capacidades. É preciso antes de qualquer coisa compreender a presente configuração social como uma condição cultural específica: a pós-modernidade - momento em que se descobre que os elementos que sempre foram pensados como sendo componentes invariantes essenciais da experiência humana não são fatos naturais da vida, mas construções sociais<sup>58</sup>.

Para aqueles que vivem o pós-modernismo a desnaturalização do tempo, por exemplo, significa que eles não têm história, é viver num mundo de momentos presentes e desconectados, momentos que se chocam, mas que nunca formam uma progressão contínua e muito menos lógica. É preciso, então, cada vez mais pensar de forma diferente da que se vem pensando, revendo nossas prioridades, nossos investimentos, nossos compromissos e nossos desejos. É preciso examinar o estudante-sujeito pós-moderno no contexto mais amplo do currículo, levando em conta o cenário educacional e cultural mais amplo existente fora do sistema formal de escolarização, tendo em vista o deslocamento da escola para a mídia eletrônica de massa, especialmente a televisão, o computador e o vídeo, como organizadores ou reorganizadores da ação e do significado humanos. Entre estas questões podemos destacar as discussões sobre gênero e sexualidade e investiga-las tendo em vista esses pressupostos e pensando quem é este nosso aluno torna-se essencial.

---

<sup>58</sup> GREEN, Bill & BIGUM, Chris. **Alienígenas em sala de aula**. – Trad. Tomaz Tadeu da Silva. Petrópolis: Vozes, 1995. p. 206-43.

## **Considerações Finais:**

[...] Mais que julgar os adolescentes, melhor seria compreender o que fazem e sob que ética o fazem.

(CARIDADE,1999:208)

No primeiro capítulo deste trabalho de conclusão de curso, foram analisadas as trajetórias e novas discussões sobre gênero e sexualidade, dentro de seus conceitos e discussões teóricas.

No segundo capítulo foi discutido, como que dentro do âmbito escolar é estabelecida as relações de gênero e sexualidade, supostamente num ambiente de ensino, conhecimento e construção das diferenças. Para isso, damos como fundamentação para essas discussões temáticas, a educação sexual, que busca nesse capítulo, ser desenvolvida em toda sua dimensão, com suas discussões, traçado metodológico, exemplificações, enfim, uma análise em torno da dimensão educacional e sexual.

Por fim, no terceiro capítulo presenciamos, a visão do jovem frente essas diferentes relações da sexualidade e de gênero, através da análise de um questionário aplicado aos adolescentes, do primeiro ano do Ensino Médio, do Colégio Aplicação, na cidade de Londrina, Paraná.

Consideramos, durante o desdobramento de todo esse trabalho, que acarretando todas as transformações sociais e culturais acerca das temáticas trabalhadas, há uma dimensão ampliada sobre a sexualidade, devido a toda uma multiplicidade de modelos que devem orientar os adolescentes na sociedade em que estão inseridos. Nossas instituições, as familiares, educacionais, religiosas, governamentais, entre tantas outras, que constroem o meio social que habitamos, acabam por delimitar fronteiras sobre o que seria “adequado” ou “normal” de se viver, experimentar, através de normas, regras e padrões sobre atitudes e comportamentos sexuais.

A desigualdade entre os sexos, a marginalização dos homossexuais ou daqueles que querem ter o direito de optarem vivenciar da melhor maneira sua vida, seus sentidos e sentimentos, acabam sendo vítimas de uma sociedade inacabada, de repressão, opressão e desinformação. Por fim, pontuando e reafirmando cada vez mais as diferenças, preconceitos e ignorância, arrastando toda a bagagem de uma conduta sócio-cultural discriminadora.

Há importância de se dar uma educação sexual aos jovens, como oportunidade de assumirmos uma postura de igualdade e amor entre os seres humanos, uma vez que, sim, acredito que as relações de gênero e a maneira de viver sua sexualidade, não deve ser pautada em hierarquias de poder, mas no amor e na sensibilidade de ver o “outro” como parte de si mesmo.

O senso comum, que perpassa toda nossa sociedade, através de idéias e comportamentos, não nos deixa ver e sentir, que nossas atitudes tão íntimas, mas tão inerentes a todo indivíduo, como a sexualidade e a maneira como nos relacionamos com os outros, nos tornam únicos, mas também partilhados e iguais perante todo e qualquer humano.

Este trabalho assume a postura de que uma educação sexual como alicerce e centro de discussões sobre nossas diferenças, um espaço aos jovens, troca de informações, diálogos, debates, discussões, é imprescindível no desenvolvimento educacional, através de condutas multidisciplinares, com a finalidade de que novas gerações possam ter o direito a criticidade, autonomia e educação.

Uma educação menos desigual, mais humanizadora e que potencialize as habilidades humanas, até mesmo no modo de ver que há diferenças, mas reconhecer nelas e através delas as qualidades, vislumbres, edificações e dimensões que nos fazem grandes seres humanos. Únicos. Originais. Profundos.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ALVES, Branca Moreira & PINTANGUY, Jacqueline. **O que é feminismo**. Coleção Primeiro Passos. São Paulo: Ed. Brasiliense. 1985.

ABUD, Kátia Maria. Conhecimento Histórico e Ensino de História: A produção de conhecimento histórico escolar. In: SCHMIDT, Maria Auxiliadora & CAINELLI, Marlene R. (Orgs.). **III Encontro de perspectivas do ensino de história**. Curitiba: Ed. Quatro Ventos. 1995.

ARAÚJO, Maria Luiza. A construção histórica da sexualidade. In: RIBEIRO, Marcos (Org.). **O Prazer e o Pensa**. São Paulo: Ed. Gente. 1999. p. 13-35.

BITTENCOURT, Circe (Org.). **O saber histórico na sala de aula**. São Paulo: Contexto. 2002.

BURKE, Peter. **A Escola dos Annales 1929 – 1989**. São Paulo: Ed. Unesp. 1997.

CARVALHO, Alysson; SALLES, Fátima & GUIMARÃES, Marília; **Desenvolvimento e aprendizagem**. Belo Horizonte: Ed. UFMG. 2003.

CUNHA, Maria de Fátima da. Gênero e Sexualidade nos PCNs. In: **Fronteiras**, vol. 15, Florianópolis. 2007.

FARIA, Nalu & NOBRE, Miriam. **Gênero e Desigualdade**. São Paulo: Cadernos Sempre viva. 1997.

FIGUEIRÓ, Mary Neide Damico. **Educação Sexual no dia a dia**. Londrina: Ed. UEL. 1999.

\_\_\_\_\_. **Educação Sexual: Retomando uma proposta, um desafio**. Londrina: Ed. UEL. 2001.

\_\_\_\_\_. Educação Sexual: Como ensinar no espaço da escola. In: **Anais do I Congresso de Educação Inclusiva**. São Paulo. 2003.

\_\_\_\_\_. & RIBEIRO, Paulo Rennes Marçal (Orgs.). **Adolescência em questão: Estudos sobre a sexualidade**. São Paulo. Ed. Cultura Acadêmica. 2006.

FONSECA, Selva Guimarães. **Didática e prática do ensino de história: Experiências, reflexões e aprendizados**. Campinas: Papirus. 2003.

FOUCAULT, Michael. **Vigiar e Punir**. Rio de Janeiro: Ed. Graal. 1993.

\_\_\_\_\_. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Ed. Graal. 1992.

GREEN, Bill & BIGUM, Chris. **Alienígenas em sala de aula**. – Trad. Tomaz Tadeu da Silva. Petrópolis: Vozes. 1995.

LOURO. Guacira Lopes. **O Corpo Educado**. Belo Horizonte: Ed. Autêntica. 1999 (a).

\_\_\_\_\_. **Gênero, Sexualidade e Educação**. Petrópolis: Ed. Vozes. 1999 (b).

\_\_\_\_\_. **Corpo, Gênero e Sexualidade**. Petrópolis: Ed. Vozes. 2003.

PAIM, Elison Antonio. **Do formar ao fazer-se professor**. In: MONTEIRO, Ana Maria (Org.). **Ensino de História – sujeitos, saberes e práticas**. Rio de Janeiro: Ed. Mauad/Faperj. 2007. p. 157-171.

PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS. **Temas Transversais. Pluralidade cultural: orientação sexual/Secretaria da Educação. Ensino Fundamental**. 2. Ed. Rio de Janeiro: DP&A. 2000.

PEDRO, Joana Maria & GROSSI, Miriam Pilar (Orgs.). **Masculino, Feminino, Plural: Gênero na interdisciplinaridade**. Florianópolis: Ed. Mulheres. 1998.

RANÑA, Wagner. Os desafios da adolescência. In: Revista Mente e Cérebro. Edição. 55, dez. – 2005. Retirado do site: [www.vivermentecerebro.com.br](http://www.vivermentecerebro.com.br) acessado em 14 de fevereiro de 2006 às 11 hs.

RIBEIRO, Marcos (Org.) **“O Prazer e o Pensar”**. São Paulo. Ed. Gente: 1999.

RIBEIRO, Paulo Rennes Marçal & FIGUEIRÓ, Mary Neide Damicó (Orgs.). **Sexualidade, cultura e educação sexual: Propostas para reflexão**. Araraquara/São Paulo: FCL-Unesp Laboratório Editorial/Cultura Acadêmica Editora. 2006.

SÂMARA, Eni de Mesquita. **Gênero em debate: Trajetória e perspectivas na historiografia contemporânea**. São Paulo: 2000.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de identidade – Uma introdução às teorias do currículo**. Belo Horizonte: Ed. Autentica. 2001.

SIMAN, Lana Mara de Castro Siman. **Inaugurando a História e Construindo a nação**. Belo Horizonte: Ed. Autentica. 2001.

\_\_\_\_\_. **A Temporalidade Histórica como Categoria Científica do Pensamento Histórico: Desafios Para o Ensino e Aprendizagem**. Campinas: Ed. Alínea. 2003.

SCOTT, Joan. História das Mulheres. In: BURKE, Peter. (Org.). **A Escrita da História**. São Paulo: Ed. Unesp. 1992.

TOSCANO, Moema. **Estereótipos Sexuais na Educação um manual para o educador**. Petrópolis: Vozes. 2000.

VASCONCELOS, Naumi de. **Amor e Sexo na Adolescência**. 12 ed. São Paulo: Polêmica, 1985.

VEYNE, Paul. Tudo é Histórico, portanto a História não existe. In: SILVA, Maria Beatriz Nizza (Org.). **Teoria da História**. São Paulo: Cultrix.1986.



WEREBE, Maria José Garcia. **Sexualidade, Política e Educação**. Campinas: Autores Associados, 1998.